

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

GUILHERME RAMOS

**CONSTITUIÇÃO DOCENTE DE FUTURAS PROFESSORAS DE LÍNGUAS
ADICIONAIS NO CONTEXTO DA UNIPAMPA CAMPUS BAGÉ:
MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA**

**BAGÉ
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

R175c Ramos, Guilherme

CONSTITUIÇÃO DOCENTE DE FUTURAS PROFESSORAS DE LÍNGUAS
ADICIONAIS NO CONTEXTO DA UNIPAMPA CAMPUS BAGÉ: MOVIMENTOS
SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA / Guilherme Ramos.

59 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS: INGLÊS ESPANHOL
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2017.

"Orientação: Luciani Salcedo de Oliveira".

1. Constituição Docente. 2. Movimentos Sociais. 3. Formação
de Professores. I. Título.

GUILHERME RAMOS

**CONSTITUIÇÃO DOCENTE DE FUTURAS PROFESSORAS DE LÍNGUAS
ADICIONAIS NO CONTEXTO DA UNIPAMPA CAMPUS BAGÉ:
MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA**

Monografia apresentada ao componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês e Espanhol.

Orientação: Prof^ª. Dra. Luciani Salcedo de Oliveira

**BAGÉ
2017**

GUILHERME RAMOS

**CONSTITUIÇÃO DOCENTE DE FUTURAS PROFESSORAS DE LÍNGUAS
ADICIONAIS NO CONTEXTO DA UNIPAMPA CAMPUS BAGÉ:
MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA**

Monografia apresentada ao componente curricular de Trabalho de Conclusão de Curso II do Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras Inglês e Espanhol.

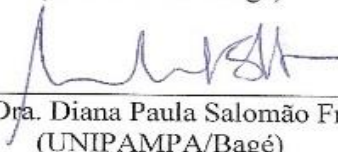
Área de concentração: Linguística, Letras e Artes.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 13 de Dezembro de 2017

Banca examinadora:



Prof.^a. Dra. Luciani Saleedo de Oliveira (orientadora)
(UNIPAMPA/Bagé)



Prof.^a. Dra. Diana Paula Salomão Freitas
(UNIPAMPA/Bagé)

Prof.^a. Dra. Kátia Vieira de Moraes
(UNIPAMPA/Bagé)

Dedico este trabalho a cada professor e professora que acredita que sua profissão pode e deve mudar vidas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, estendo meus agradecimentos à minha mãe Odete, ao meu tio Élio, à minha avó Manoela e ao meu avô, que partiu antes de ver esse sonho realidade. Todos eles sempre me deram todo o apoio necessário para que pudesse seguir o meu caminho na universidade.

À minha professora de inglês na adolescência, Divi, que me inspirou a seguir essa profissão.

Às minhas colegas que passaram pelo curso comigo e continuarão sendo minhas amigas para além da universidade: Maria Augusta, Andrômeda, Júlia, Djulya, Jaqueline Lídia, Mariana, Larissa, Everton e Melissa.

À minha primeira orientadora de projeto de extensão Clara que me fez perceber o quanto devemos entender de tudo um pouco e sermos versáteis.

À minha amiga e orientadora do PIBID, Isaphi, que, no desenvolvimento do projeto, foi responsável por me proporcionar um crescimento tremendo ao longo dos anos em que participei.

À professora Kátia Morais, que me mostrou o poder que a escrita na língua inglesa – ou em qualquer outra língua – possui de mudar realidades e que me instigou a escrever esse trabalho. As reflexões que ela me proporcionou permanecerão em minha vida eternamente.

Aos excelentes professores de espanhol que o curso possui: Valesca, Sara e Eduardo.

Ao meu companheiro Jader, que muito me ajudou nesse último semestre, estando ao meu lado e me dando forças para continuar nessa trajetória.

À professora Luciani, minha orientadora nessa investigação, cujos esforços na tarefa de conduzir e estimular – e ler e reler vírgula por vírgula desse trabalho – não poderiam deixar de ser reconhecidos.

Por fim, agradeço à Unipampa, cujo potencial em formar docentes capazes de colaborar para transformações na sociedade se encontra manifesto nas linhas desse trabalho e no entusiasmo que carrego comigo.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo geral investigar se a atuação, o estudo e a empatia em/por alguns Movimentos Sociais têm influência na constituição da identidade docente de estudantes de graduação. O recorte de delimitação proposto para fins de desenvolvimento dessa pesquisa se deu em torno dos movimentos sociais identificados como presentes e/ou atuantes no Campus Bagé da Universidade Federal do Pampa, localizada no Rio Grande do Sul e dos formandos do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas. De acordo com Gohn (2000), os movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos, cujo pertencimento se dá em diferentes camadas sociais que se articulam em certos cenários de conjuntura socioeconômica e política de um país, criando, assim, um campo político de força social em nossa sociedade. Por conseguinte, a investigação traz como objetivos específicos: a) fazer um levantamento sobre os movimentos sociais atuantes na UNIPAMPA durante o período de 2014-2017 e elencar seus principais objetivos e ações; b) promover uma roda de conversa com as participantes de pesquisa, a fim de refletir, a partir de perguntas norteadoras, a respeito da importância desses movimentos sociais para a formação de professores de línguas adicionais; c) investigar, através da análise de narrativas escritas pelas participantes da pesquisa, a percepção de suas práticas docentes sob a influência (ou não) desses movimentos sociais. Essa pesquisa tem como base metodológica os princípios de uma pesquisa qualitativa, cujo instrumento de coleta de dados é a escrita de narrativas de quatro formandas do segundo semestre de 2017 do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais da UNIPAMPA/Bagé. Para Clandinin & Connelly (2000), o principal motivo para justificar o uso de narrativas na pesquisa educacional se dá pelo fato de que seres humanos são contadores de histórias e que individualmente vivem diferentes experiências ainda que no mesmo contexto social. Como resultados, trazemos uma reflexão a respeito da percepção das participantes da presente pesquisa no que se refere aos movimentos sociais da UNIPAMPA, por meio das narrativas, podem-se observar temáticas como empoderamento feminino, empoderamento negro e variação linguística enquanto constituidores de suas identidades como professoras de língua adicional.

Palavras-chave: Formação de Professores; Constituição Docente; Movimentos Sociais.

ABSTRACT

Proposing a discussion and a reflection about identity of future teachers in the university, observing the influences of the study or contact with some subjects, themes and elements during their graduation can provide us elements to critically think about their constitution as language teacher. The following TCC aims to investigate if the acting, the study and the empathy in/for some of the Social Movements present at the Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, located in Rio Grande do Sul, have any influence on the identity constitution of students graduating on Letras program Línguas Adicionais Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas. According to Gohn (2000), Social Movements are sociopolitical actions performed by a social collective group, that belongs to different social layers and articulate in socioeconomic and political conjuncture scenarios of a country, creating a political field with social strength in our society. The specific objectives aims of this investigation are: a) Making a survey about the social movements acting at UNIPAMPA during 2014-2017, classifying their main actions and goals; b) Promoting a discussion circle with the research participants, aiming to reflect, through guiding questions, about the importance of these Social Movements to the additional languages teacher education; c) Investigating, through the analysis of narratives written by the research participants, if they can identify any influence of the Social Movements in their teaching practice. This investigation is methodologically based on a qualitative research and the data collected are textual narratives written by four graduating students of Letras Línguas Adicionais program, during the second semester of 2017, at UNIPAMPA in Bagé. As reported by Clandinin and Connely (2000), the main reason for using narratives on educational research is that humans are storytelling individuals that live different experiences, even if on the same social context. As results, we bring the reflection about how the participants in such research perceive the Social Movements at UNIPAMPA as constituents, of their identity as language teachers. their narratives show us themes like female empowerment, black empowerment and linguistic variation as key elements in their constitution as language teachers.

Keywords: Teacher Education; Identity; Social Movements.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Palestra “Desigualdades de Gênero” durante o “Setembro Contra o Assédio” (2016.)..... 15

Fonte: www.facebook.com/Unielas

Figura 2. Roda de conversa sobre direitos LGBT durante as ocupações de 2016..... 16

Fonte: www.facebook.com/Ocupampa

Figura 3. Roda de conversa dos estudantes participantes do EnegreceUni (2017)..... 17

Fonte: www.facebook.com/Enegreceuni

Figura 4. Alunos e alunas da Unipampa durante a ocupação da Reitoria da Unipampa (2016.)..... 17

Fonte: www.facebook.com/Ocupampa

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Apresentaçõe participantes de pesquisa.....	27
Tabela 2. Excertodas Respostas das Participantes.....	28
Tabela 3. Respostas das Participantes à pergunta dois.....	29

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IES – Instituições de Ensino Superior

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

MEU – Movimento Estudantil Unificado

OCUPAMPA – Ocupação Estudantil da Universidade Federal do Pampa.

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

UNIELAS- Grupo de pesquisa Feminista

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	12
2. Pergunta da pesquisa.....	14
3. Objetivos.....	14
3.1 Objetivo geral.....	14
3.2 Objetivos específicos.....	14
4. Movimentos Sociais pertencentes e atuantes no campus Bagé.....	15
4.1 Movimento Feminista.....	15
4.2 Movimento LGBT.....	16
4.3 Movimento Negro.....	16
4.4 Movimento Estudantil.....	17
5. Revisão de Literatura.....	18
5.1 Movimentos Sociais e Educação.....	19
5.2 Pesquisa Qualitativa e Formação Docente.....	21
5.3 Pesquisa Narrativa.....	22
6. Metodologia.....	24
6.1 Participantes da Pesquisa.....	24
6.2 Coleta de Dados.....	25
6.3 Análise e Discussão dos Dados.....	26
6.4 Roda de conversa.....	28
6.5 Narrativas.....	32
7. Considerações finais.....	36
Referências bibliográficas.....	39
Anexos.....	41
Apêndices.....	59

1. Introdução

Esta investigação surge a partir de minhas vivências e percepções, como discente sobre a influência dos movimentos sociais como discente de um Curso de Letras em uma universidade pública no sul do Brasil, sobre a influência de Movimentos Sociais. Minha narrativa “Amornar ou Ferver” serve como justificativa para esse Trabalho de Conclusão de Curso:

Guilherme deixou sua cidade e sua família para que pudesse estudar. Em nosso país, muitos jovens possuem esse sonho – que não deveria ser um sonho, e sim uma realidade para todos os que a almejassem. Ele era mais um desses, desejava cursar Letras Inglês e Espanhol, diferente de toda a sua família, que seguiu carreira militar. Não gostaria de optar por uma língua ou outra, porém o curso que ele desejava só havia em uma cidade distante da sua. E, assim, ele acabou deixando sua cidade natal para se mudar. Conheceu pessoas novas, novas histórias novas formas de pensar.

Em seu primeiro dia de aula, estava um pouco nervoso, sua primeira matéria... Disciplina... Não sabia ainda como caracterizar as aulas que teria. “Componentes Curriculares”, ele aprendeu logo como se dizia. Sua primeira aula era de Espanhol. Era uma manhã morna de maio, e, chegando lá, sentou em um banco para esperar a professora. Logo, outra aluna também chegou cautelosa, subindo as escadas; se olharam, mas nada disseram. A aula logo iniciou, e foram ocorrendo as apresentações como sempre se faz: uma menina já era guia de turismo, outro era cineasta, outra menina já era professora de inglês. Nossa! – pensou Guilherme.

Aos poucos, nas aulas, foram apresentados temas novos; foi a primeira vez que ele viu uma definição coerente da palavra “feminista”. Mesmo que sempre pensasse que os direitos deveriam ser iguais (e que de fato ainda não eram), já que cresceu em uma casa em que havia apenas mulheres, via o machismo muitas vezes apertar seus encaixotes; e, nunca de modo algum, elas o deixaram pensar que seriam mais fracas ou seriam menos do que qualquer homem. Na universidade, utilizavam a língua para pensar criticamente sobre diversos temas que se atrelavam aos movimentos sociais, ao povo, à política.

Ele que nunca gostou de política, ou até mesmo debater. Mas percebeu que suas escolhas influenciavam o meio que estava politicamente. Muitas pessoas, quando pensam em política, pensam em partidos, e esquecem que suas escolhas são escolhas políticas – agora pensava ele. Seu empoderamento como LGBT o ajudava e ajudava a outros, e o movimento estudantil estava sempre trazendo essas discussões. Aos poucos, essas discussões deixavam as salas de aulas e iam para os corredores, praças, ocupações, os movimentos se conversavam de uma maneira que foram criados coletivos feministas, grupos para o empoderamento de pessoas negras na universidade, eventos e discussões sobre direitos LGBTs, atos e discussões sobre os direitos estudantis em nosso país. Guilherme já era um professor, já se enxergava como tal, não pelo ato de dar aulas em algumas escolas, mas pelo fato de sentir-se preparado. E, assim, aos poucos, via essas reflexões, esses momentos que passou como aprendiz, adentrando suas oficinas, suas aulas e suas apresentações.

Buscava agora que seus alunos também tivessem a oportunidade de despertar como ele despertou em dias já não muito mornos na universidade, pois o diálogo, o movimento e a reflexão agora estavam fervorosos nele, em suas aulas e em sua universidade. (Narrativa escrita pelo autor. Anexo 1.3).

Propor uma discussão e reflexão sobre identidade de professores em formação, observando as influências em relação ao estudo ou contato com certas temáticas durante sua graduação, pode fornecer elementos para se pensar como um todo o processo pedagógico o qual estão inseridos. O recorte de delimitação proposto para fins de desenvolvimento dessa investigação se deu em torno de questões que envolvem tal influência por meio de movimentos sociais. A isso, leva-se em conta a demanda que nossas escolas e universidades sempre tiveram por professores e professoras preparados(as) para a diversidade e a inclusão de alunos e alunas.

De acordo com Gohn (2000), os movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos, cujo pertencimento se dá em diferentes camadas sociais que se articulam em certos cenários de conjuntura socioeconômica e política de um país, criando, assim, um campo político de força social em nossa sociedade.

Os movimentos sociais têm como principal característica a estratégia de que ações coletivas de grupos organizados com objetivos ligados à transformação social. Assim, é notável que tais movimentos possuem seu lugar no contexto da Universidade Federal do Pampa, fornecendo, dessa forma, subsídios para esta pesquisa. Em específico, pode-se mencionar a presença e atuação de movimentos como o Movimento Estudantil, o Movimento Feminista, o Movimento Negro e o Movimento LGBT, que são pautados pelo tema diversidade e que se estendem por essa e tantas outras universidades.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo investigar se houve influência de movimentos sociais na formação de estudantes – que se encontram no estágio de formandos – do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas, da Universidade Federal do Pampa, em Bagé, no Rio Grande do Sul. Assim, assumindo a possibilidade da influência, será observado como suas inserções nos movimentos sociais presentes no campus intervêm na constituição da identidade enquanto docentes.

Para alcançar o objetivo geral, essa investigação elenca como de ordem específica a proposta de realização, em um primeiro momento, de uma roda de conversa a fim de nortear a escrita de narrativas das participantes da pesquisa. Como resultados, buscamos a reflexão e a discussão sobre a influência que esses movimentos têm na constituição docente dessas futuras professoras de línguas adicionais

2. Pergunta de pesquisa

No contexto do Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas da UNIPAMPA/ Bagé, e tendo como participantes de pesquisa, quatro futuras professoras, objetivo lidar com a seguinte questão de pesquisa:

Qual é a importância e influência dos movimentos sociais, atuantes e pertencentes à UNIPAMPA/ Bagé no período de 2014-2017, para a formação de futuras professoras de línguas adicionais?

3. Objetivos

3.1 Objetivo geral

Investigar criticamente, através de ferramentas como roda de conversa e escrita de narrativas, em que medida os movimentos sociais, atuantes e pertencentes à UNIPAMPA/ Bagé no período de 2014-2017 influenciaram a formação inicial de professores de línguas adicionais, especialmente no que tange suas identidades docentes.

3.2 Objetivos Específicos

Esta investigação traz os seguintes objetivos específicos:

- a) Fazer um levantamento sobre os movimentos sociais atuantes na UNIPAMPA durante o período de 2014-2017 e elencar seus principais objetivos e ações;
- b) Promover uma roda de conversa com as participantes de pesquisa, a fim de refletir, a partir de perguntas norteadoras, a respeito da importância desses movimentos sociais para a formação de professores de línguas adicionais;
- c) Investigar, através da análise de narrativas escritas pelas participantes da pesquisa, a percepção de suas práticas docentes sob a influência (ou não) desses movimentos sociais.

4. Movimentos sociais pertencentes e atuantes no campus Bagé

Os Movimentos Sociais são presentes durante a graduação de muitos dos discentes na Universidade Federal do Pampa Campus Bagé. Esta seção tem como objetivo expôr ao leitor um panorama dos movimentos sociais atuantes na Universidade, responsável por impulsionar a presente pesquisa.

4.1 Movimento Feminista

O Movimento Feminista está presente em todo o mundo, em cada pessoa que acredita que homens e mulheres devem ter os mesmos direitos. No campus Bagé, possuímos estudos voltados para esse tema e também são realizadas diversas discussões em sala de aula e em eventos específicos.

Por meio de discussões na disciplina de Conversação em Inglês, ministrada pela Prof^ª. Dra. Kátia Morais, veio a surgir o UNIELAS (Grupo de Pesquisa Feminista da UNIPAMPA), responsável por trazer a discussão inicial sobre o assédio na universidade e promover eventos no campus com a temática Feminista. Um exemplo foi o “Setembro contra o Assédio”, que ocorreu durante o referido mês do ano de 2016, trazer palestras de conscientização e discussão acerca da temática.



Figura 1. Palestra “Desigualdades de Gênero”, ministrada por Juliana Collares, durante o “Setembro Contra o Assédio” (2016).

4.2 Movimento LGBT

Outro movimento que também está presente no campus Bagé está relacionado à busca por direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBTs). Alunos e alunas trazem essa temática para discussões, seja em sala de aula, seja em rodas de conversa em outros contextos no campus.

O tópico aparece em quase todos os Movimentos Sociais que estão presentes na Unipampa. Rodas de conversa e debates ocorrem, tendo como foco o reconhecimento de união de pessoas do mesmo sexo, discriminação, busca por igualdade, respeito a alunos e alunas LGBTs. Muitas dessas intervenções acontecem principalmente dentro do movimento estudantil.



Figura 2. Roda de conversa sobre direitos LGBT durante as ocupações de 2016.

4.3 O Movimento Negro

O movimento negro também está em pauta principalmente em sala de aula. Escritoras Feministas Negras, como Bell Hooks, foram lidas e discutidas no componente curricular de Conversação em Inglês, ministrado pela Profa. Dra. Kátia Moraes, no primeiro semestre de 2016 – aprofundando, dessa forma, questões sobre Racismo e Feminismo Negro.

No dia 6 de abril de 2017, foi realizada uma roda de conversa sobre o Negro na Universidade. Na ocasião, foram partilhadas histórias de aceitação pessoal e casos de racismo sofridos na Universidade. Deu-se, assim, o início ao Movimento Coletivo EnegreceUni, formado por alunos que lutam contra o racismo na universidade.



Figura 3. Roda de Conversa dos estudantes participantes do EnegreceUni (2017).

4.4 O Movimento Estudantil

Presente em diversas universidades, o Movimento Estudantil também tem seu lugar no campus Bagé. Esse grupo, denominado Movimento Estudantil Unificado (MEU), é composto por discentes dos 10 campi que integram a Universidade. O centro que norteia as pautas do movimento está relacionado à luta por melhorias na educação. Para tal, são realizados debates com estudantes e funcionários do campus, assim como são promovidos atos, caminhadas e eventos culturais para a comunidade.



Figura 4. Alunos e alunas da Unipampa durante a ocupação da Reitoria da Unipampa (2016).

5. Revisão de literatura

A busca por uma educação crítica é um caminho que estamos trilhando já há algum tempo, formar professores que pensem criticamente ao desenvolver suas aulas é um desafio que, aos poucos, se torna menos distante. Discussões sobre essa temática se tornam presentes em nossas universidades.

Evocar o conhecimento crítico para nossos alunos é uma tarefa que deve ser feita, para que possamos cumprir nosso real papel como educadores e para que sejamos parte de uma escola que cumpra com os objetivos que são propostos na Constituição Federal (Art. 205, 1997): “visar ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Na presente investigação, resalto a importância do educador que prepara seus alunos para o exercício da cidadania, fazendo com que se vejam como parte atuante da sociedade. Assim, trabalhar com temáticas que fomentam a reflexão sobre a nossa sociedade contribui para determinadas pautas não pareçam distantes e façam sentido para o contexto no qual estamos inseridos – proporcionando, dessa forma, instrução e qualificação adequadas aos alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) também têm ajudado nessa discussão. De acordo com tais princípios, cujo objetivo é balizar a prática pedagógica, o professor deve dar atenção a forma e ao enfoque que é direcionado aos conteúdos curriculares. Ao invés de um ensino que o conteúdo seja visto como fim em si mesmo, isto é, que não esteja relacionado a um contexto relevante para o aluno na escola pública brasileira, a proposta que se debate gira em torno de pensar atividades que auxiliem no exercício da cidadania e que contribuam para que os alunos desenvolvam as capacidades que lhes permitam produzir e usufruir dos bens culturais, sociais e econômicos de nossa sociedade.

Cabe mencionar ainda que os PCNs trazem a discussão bastante aprofundada sobre uma proposta de prática escolar que atinja tais objetivos. Esses parâmetros apontam questões de tratamento didático por área e por ciclo, procurando garantir coerência entre os pressupostos teóricos, os objetivos e os conteúdos, mediante sua operacionalização em orientações didáticas e critérios de avaliação. Em outras palavras, apontam o quê e como se pode trabalhar desde as séries iniciais para que se alcancem os objetivos pretendidos (PCNs 1997, p. 47).

Como foi anteriormente detalhado, esta pesquisa surge a partir das minhas vivências como graduando no curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol

e suas Respectivas Literaturas da UNIPAMPA/ Bagé, fundamentalmente, por ter contato com as discussões já abordadas acima, tendo em vista meu envolvimento com alguns movimentos sociais ao longo dos semestres e a percepção que tenho da influência que esses têm sobre a minha identidade como professor de línguas.

A revisão de literatura deste trabalho se divide em três subseções:

(5.1) “Movimentos Sociais e Educação”, na qual conexões entre Movimentos Sociais e Educação são abordadas;

(5.2) “Pesquisa Qualitativa e Formação Docente”, na qual a escolha por esse tipo de pesquisa, para coleta e análise dos dados, é apresentada e justificada;

(5.3) “Pesquisa Narrativa”, na qual há a definição de pesquisa narrativa, assim como é apresentada a justificativa desse tipo de pesquisa como instrumento de coleta de dados para esta investigação.

5.1 Movimentos Sociais e Educação

De acordo com Freire (1967), devemos buscar uma educação que possibilite ao ser humano a discussão corajosa de sua problemática, além de sua inserção nessa. Advertindo-nos dos perigos de nosso tempo, para que, consciente deles, ganhemos a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levados e arrastados à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias (FREIRE 1963, p. 90).

Dessa forma, a observância da relação entre movimentos sociais como o Feminista, Negro, LGBT e Estudantil e a educação impulsiona essa pesquisa, como já dito anteriormente. Portanto, relacionar movimentos sociais à educação deveria ser uma tarefa fácil, pois ouvimos frequentemente sobre a necessidade de fomentar o pensamento crítico em nossos alunos.

Não obstante, Freire afirma que necessitamos de uma educação que nos coloque em diálogo constante com o outro, dispondo-se de constantes revisões e reflexões. Em outros termos, analisando criticamente seus “achados” (FREIRE 1963, p. 90). Para isso, devemos estar abertos a debater nas salas de aula e impulsionar discussões necessárias para que se conheça realidade e, assim, alunos e professores possam pensar em novas perspectivas além das suas.

Entretanto, ainda estamos buscando, em nossas salas de aula, o equilíbrio entre conteúdo científico e contextos reais de nossos aprendizes. Transformar histórias e influenciar

os contextos nos quais atuamos como docentes se torna essencial para que nossos alunos também possam mudar a sociedade em que vivemos, como afirma Freire (1967):

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra “milagrosamente” esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização (p. 94).

Paulo Freire sugere que não devemos separar a escola de nossa vida real. Muitas vezes, por exemplo, se tem a ideia de que a escola não é lugar para certas discussões como os direitos das mulheres ou LGBTs, porém, esse é e sempre foi um dos lugares nos qual nossa sociedade deve discutir os problemas e questões da contemporaneidade. Temos, dessa forma, a necessidade de trazer questionamentos sobre esses assuntos que já são muito apagados em nossas discussões diárias, para que assim haja mudanças significativas em nosso contexto.

Devemos levar em conta que convivemos com pessoas a todo o momento, que vivemos em grupos, em países, cidades, bairros, entre familiares e amigos, isso nos mostra nossa característica como seres sociais. Maria da Glória Gohn (1997) define movimentos sociais como:

(...) ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes camadas sociais, articuladas em certos cenários de conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil (p. 251).

Nessa perspectiva, a formação cidadã de alunos e alunas é algo imprescindível. Reiteramos aqui que os movimentos sociais ajudam na conscientização de respeito a grupos que também fazem parte de nossa sociedade como um todo, como seres humanos que dividem o mesmo planeta e que possuem, sim, diferenças relacionadas à diversidade como orientação sexual, cor e cultural.

A formação docente também possui relação com esse aspecto. Nós, como futuros professores de línguas adicionais, em um curso no qual estudamos duas matrizes culturais diferentes (anglófona e hispânica), devemos saber e ter essa consciência sobre os movimentos sociais que nos cercam e também movimentos que estão presentes na história dessas culturas.

Essas temáticas, como aqui são abordadas, possuem respaldo de acordo com os PCNs e fazem parte dos Temas Transversais que devem ser incorporados às áreas de conhecimento já existentes e ao trabalho educativo da escola. Os PCNs propõem que:

É essa forma de organizar o trabalho didático que recebeu o nome de transversalidade. Amplos o bastante para traduzir preocupações da sociedade brasileira de hoje, os Temas Transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas, na vida cotidiana. O desafio que se apresenta para as escolas é o de abrirem-se para este debate e professores aliarem seu conteúdo a essas temáticas. (PCNs, Apresentação Temas Transversais, 1997, p. 5).

Tais parâmetros reconhecem que ainda é um desafio trabalhar com as temáticas transversais em nossa escola pública. Há a necessidade da abertura das escolas para que possa se desenvolver temáticas necessárias para a solução de problemas que nossa sociedade enfrenta. É papel do professor e da escola oferecer a oportunidade de reflexão sobre esses temas em sala de aula com seus alunos. Podemos observar aqui a importância e o papel dos Cursos de Licenciaturas na formação de Professores para lidar com tais questões. Para Freire (1987), discutir e refletir em sala de aula é extremamente importante:

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (p. 45).

A escola deveria – e deve ser – um local de fomento de idéias e discussões, como afirma Paulo Freire. Atrelar temáticas relevantes aos conteúdos curriculares é de extrema importância para desenvolvermos cidadãos preparados para exercerem e respeitarem de fato sua cidadania e a relação com o outro.

5.2 Pesquisa Qualitativa e Formação Docente

Esta pesquisa possui um caráter qualitativo, pois as temáticas aqui trabalhadas necessitam de certa profundidade na interpretação. Assim como já dito, tais temas e discussões, como aponta Freire (1987), devem ser discutidos de forma dialogada, buscando uma troca de experiência, para que haja assim reflexão e transformação sobre essas questões.

Telles (2011) afirma que:

A opção por modalidades qualitativas de investigação tem sido cada vez mais frequente na pesquisa em educação, visto que os educadores e os professores têm se interessado pelas qualidades dos fenômenos educacionais em detrimento de números que muitas vezes escondem a dimensão humana, pluralidade e interdependência dos fenômenos educacionais na escola. (p. 102).

A partir dessa afirmação, podemos observar que, quando estamos introduzindo uma investigação no meio educacional, na qual estamos buscando compreender fenômenos e comportamentos humanos, devemos ter o olhar qualitativo e crítico para as respostas de nossa pesquisa. Optar pela pesquisa qualitativa se faz necessário pelo fato de que esta investigação aborda narrativas sobre como futuras professoras percebem influências de movimentos sociais em suas práticas em sala de aula.

Como já mencionado, esta pesquisa segue um caráter qualitativo e, sendo assim, foi adotado o trabalho de Bortoni-Ricardo (2009). Em seu livro “O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa”, a autora nos traz exemplos de como a pesquisa qualitativa pode ser utilizada no contexto de formação de docentes, ajudando na coleta de dados e no desenvolvimento das interpretações do que foi coletado.

Em seu trabalho, Bortoni-Ricardo (2009) nos mostra que três questões devem ser enfocadas na pesquisa qualitativa no contexto educacional:

- (a) O que está acontecendo no presente contexto?
- (b) O que essas ações que estão sendo investigadas significam para os sujeitos presentes nesse contexto?
- (c) Que relações posso fazer entre as ações no contexto escolar e as ações sociais mais abrangentes? (p. 18)

Essas questões serão levadas em consideração na seção de análise dos dados da pesquisa. Assim, a caracterização de pesquisa qualitativa se torna extremamente necessária nessa investigação, pois as relações humanas que ocorrem no curso de Letras - Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas (Unipampa/campus Bagé) serão abordadas. Da mesma forma, interpretarei essas influências, fazendo uso da escrita de narrativas, como proposto no livro organizado por Romero (2010). A pesquisadora propõe que professores reconstruam identidades a partir de autobiografias nas quais é realizada uma reflexão sobre suas histórias como docentes.

As participantes da pesquisa também devem refletir sobre sua trajetória no curso e sua formação de identidade docente, atuando na sala de aula e tendo contato com os movimentos sociais apresentados, conforme abordado na subseção 6.1 da Metodologia.

5.3 Pesquisa Narrativa

De modo geral, uma narrativa pode ser definida como a narração de acontecimentos passados, experiências vividas em um contexto, interações que são estabelecidas com sujeitos

ao longo de nossas vidas, etc. Uma narrativa para Wertsch (1998 apud MOITA LOPES, 2002, p. 65) serve como um instrumento cultural de mediação das identidades sociais ou recursos de identidade que auxiliam na reflexão sobre momentos específicos de nossas vidas.

A palavra “experiência” seria um bom começo para explicar a razão de escolher as narrativas como instrumento de coleta de dados para esta pesquisa. De acordo com Clandinin & Connely (2000), o principal motivo para justificar o uso de narrativas na pesquisa educacional se dá pelo fato de que seres humanos são contadores de histórias e que individualmente vivem diferentes experiências ainda que no mesmo contexto social. Portanto, narrar é uma das maneiras de investigar(-se) como os seres humanos vivenciam o mundo e suas experiências nele.

Segundo Mello (2010), o tipo de investigação que traz a narrativa como ferramenta de coleta de dados possibilita apresentar claramente para o pesquisador e para seu leitor o fenômeno que está sendo estudado, exemplificando o seu objeto de estudo (implícita ou explicitamente). Neste trabalho, então, utilizarei narrativas como forma de coletar dados sobre a temática aqui proposta (conforme detalhado na seção a seguir); tomo como exemplo e inspiração o Álbum do PIBID da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) (GALLIAZI & PAULISTCH 2011).

Como já mencionado, a pesquisa narrativa foi escolhida para essa coleta de dados por proporcionar diversos olhares para o curso de Licenciatura e o processo de formação docente e também pessoal da identidade – isso com relação às participantes desta pesquisa.

A discussão sobre constituição de identidade, presente neste trabalho, se baseia também no trabalho de Moita Lopes (2002), que traz tal reflexão a partir da ideia de que a identidade é algo que se constrói ao longo da vida, devido às trocas de experiências e por sua característica de estar em constante mudança. Nessa perspectiva, entende-se que nossa identidade não é fixa e pode se alterar ao longo de novas perspectivas.

Olhando para o contexto desta pesquisa, Clandinin e Connely (2000) definem a educação como “construção e reconstrução de bens pessoais e sociais” (p. 19). Tendo em vista que professores e alunos são contadores de histórias e personagens em suas próprias e outras histórias, a pesquisa por meio de narrativas seria “uma forma de entender a experiência” (p. 20). Nesse caso, uma forma de entender a experiência da formação docente, tendo como influência os movimentos sociais presentes na UNIPAMPA entre 2014-2017. Como salienta Mello (2010):

Ao partir de uma experiência vivida é possível revisitar experiências e construir conhecimento sobre as dimensões pessoal, profissional e social. É possível, ainda,

analisar os aspectos temporal, espacial ou contextual, e o teórico, envolvidos e diretamente relacionados à história relatada. Pensando especificamente no contexto de formação de professores, é possível criar espaço para que os professores exponham seus conhecimentos prático, pessoal e profissional explícito em suas experiências diárias e que aprendam sobre si mesmos e sobre os contextos ou paisagens das quais fazem parte (p. 185).

A oportunidade de revisitar experiências, como menciona MELLO, nos ajuda a compreender a motivação pela qual a pesquisa narrativa foi escolhida para essa investigação. Sendo assim, narrativas servem como chave para a abertura de novas reflexões acerca de experiências cotidianas em nossas universidades e escolas públicas.

Com essa fundamentação teórica e com o intuito de trazer uma discussão sobre identidade docente através de narrativas de futuras professoras de línguas, a coleta de dados se deu a partir de uma roda de conversa na qual as participantes discutiram sobre a relação Movimentos Sociais da Unipampa e sua identidade. Essa questão será detalhada na próxima seção.

6. Metodologia

O desenvolvimento desta pesquisa compreendeu o período de março a novembro de 2017. Todas as informações que serão utilizadas do decorrer da investigação preservam a identidade das participantes de pesquisa – o que justifica o uso de pseudônimos para cada uma delas.

6.1 Participantes da pesquisa

A pesquisa centra-se em uma perspectiva qualitativa e tem como quatro formandas do segundo semestre de 2017 do curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais da Universidade Federal do Pampa, campus de Bagé-RS.

As formandas que participaram desta pesquisa foram escolhidas por fazerem parte da turma que integrei no primeiro semestre de 2017. Além disso, essa escolha baseia-se no fato de todas as participantes terem tido contado com os Movimentos Sociais da Unipampa, já apresentados anteriormente.

Outro dado que possui relevância é de que possuem entre 20 e 24 anos de idade e que estavam, no momento da coleta de dados, no sétimo semestre do curso. Também cabe mencionar que todas as participantes da pesquisa fazem parte do Grupo de Pesquisa Feminista

da Unipampa e estiveram presentes e atuantes no Movimento Estudantil da Universidade, assim como uma das participantes faz parte do Movimento ENEGRECEUNI.

Outro traço comum entre as participantes desta pesquisa é o fato de todas serem bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da CAPES. O PIBID é uma iniciativa para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura e os introduz a um contexto de iniciação à docência desenvolvido por Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com escolas de educação básica da rede pública de ensino.

6.2 Coleta de dados

Primeiramente, as convidadas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (Anexo 3) e após foi feita uma roda de conversa no dia 18 de setembro de 2017 às 15h com a temática “Movimentos Sociais e sua influência na formação docente”. A mesma foi gravada em áudio com as participantes da pesquisa e posteriormente foi transcrita.

Essa etapa da pesquisa teve como objetivo trazer a discussão sobre os movimentos nos quais as participantes atuaram ativamente ou presenciaram ao longo do curso, para que, assim, posteriormente, pudessem escrever suas narrativas. Para a discussão inicial na roda de conversa, elaborei as seguintes perguntas norteadoras:

- a) O que você entende por Movimento Social?
- b) Quais Movimentos Sociais você percebe enquanto atuantes na Unipampa Campus Bagé? Você teve contato com algum deles ao longo do curso? Qual? Como?
- c) Você ainda mantém contato com esses Movimentos? De que maneira?
- d) Você acha que os Movimentos Sociais estão presentes em sua prática docente? Por quê (não)?
- e) Você percebe alguma influência desses movimentos na sua constituição identitária enquanto professora de línguas? De que forma?
- f) Acredita que há importância, ou não, em trabalhar com Movimentos Sociais em sua sala de aula? Por quê?
- g) Você conseguiria dar algum exemplo de como trabalhar movimentos sociais em sala de aula?

Após a roda de conversa, as participantes da pesquisa acompanharam a leitura de três narrativas que serviram como inspiração para escrita das narrativas das próprias. Essas duas narrativas estão presentes no Álbum do PIBID da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

A primeira narrativa intitulada “Mas, minha mãe é o meu pai” (Anexo 1.1), de autoria de Dapuzzo (2011), do Subprojeto PIBID Português-Inglês da FURG, foi escolhida porque aborda questões de gênero e também LGBTs, servindo como ótimo exemplo para esta pesquisa. Ornella traz a história de uma professora que resolve trabalhar a temática da família em sala de aula e se depara com um aluno que não possui uma família tradicional como todos seus colegas esperavam, o aluno em questão têm duas mães. A história também nos chama atenção aos materiais didáticos que são utilizados em sala de aula e o aponta para o dever do professor de sempre pensar na diversidade.

A segunda narrativa, intitulada “Ensinando História para Compreender Cidadania” (Anexo 1.2), de autoria de Eslabão (2011), do Subprojeto PIBID História da FURG, foi escolhida por tratar sobre o conflito de uma professora que se depara com a necessidade de tratar questões políticas e sociais em sala de aula. Ao se deparar com um aluno desacreditado nas mudanças políticas de seu país, ela então fomenta a discussão sobre direitos dos cidadãos e suas lutas, trazendo exemplos como os “Caras-Pintadas”, para mostrar para sua turma que o povo, os estudantes, homens e mulheres, podem sim fazer a diferença.

A terceira narrativa intitulada “Amornar ou Ferver” (apresentada na Introdução deste TCC) traz minha trajetória e reflexão ao longo dos anos passados na universidade, abarcando os movimentos sociais que estiveram presentes em minha caminhada (Anexo 1.3). Trago também a reflexão de como minha constituição docente foi influenciada e traz o discurso dos movimentos sociais aqui apresentados.

Logo após essa leitura e discussão, as participantes da pesquisa foram solicitadas a escreverem suas próprias narrativas com a temática “Os Movimentos Sociais da Unipampa e a Minha Formação Docente”, tão logo os textos foram escritos, foram entregues ao pesquisador.

6.3 Análise dos dados e discussão

Pelo fato da pesquisa ter um caráter qualitativo, minha pergunta de pesquisa não poderia ser respondida com um simples “não” ou “sim”. Foi necessário, dessa forma, pensar o contexto no qual essas participantes de pesquisa estavam inseridas e também em suas diferentes perspectivas sobre um mesmo assunto.

A seguir, um pequeno perfil de cada uma delas:

Pseudônimo	Ano de ingresso e saída da Universidade	Movimentos Sociais nos quais atuou na Unipampa	Idade
Ana	2014-2017	UniElas e OCUPAMPA	21
Regina	2014-2017	UniElas e OCUPAMPA	21
Taís	2013-2017	EnegreceUni, UniElas e OCUPAMPA	24
Violet	2014-2017	UniElas e OCUPAMPA	22

Tabela 1. Apresentação das participantes da pesquisa.

Cada uma das participantes da pesquisa esteve presente na roda de conversa proposta para esta investigação e escreveu uma narrativa pessoal na qual detalha a influência desses movimentos sociais em suas aulas e ações como docentes. A seguir, há um breve resumo de suas narrativas e uma visão geral do que se aborda em cada uma delas:

Ana, com a narrativa “Heroínas também existem”, (Anexo 1.4) trouxe a temática feminista abordada em sua sala de aula durante o seu estágio de língua Inglesa na faculdade. Possuindo apenas meninos em sua sala de aula, ela apresentou personagens femininas para seus alunos e teve uma bela surpresa ao ver a aceitação que eles demonstram pelas temáticas.

Regina, na narrativa “Cadê o seu pai?”, (Anexo 1.5) relatou uma aula na escola em que trabalhou com a temática da “Família” e se deparou com uma situação comum no Brasil, mas que não é muito discutida: mães solteiras e seus filhos. Nessa narrativa, ela mostrou um pouco de como trabalhar essas questões, abrangendo a diversidade de famílias que existem.

Taís, na narrativa intitulada “Sentimos na pele e no coração”, (Anexo 1.6) nos conta que, em seu primeiro estágio de inglês, se deparou com um problema que nossa sociedade insiste em não discutir: o racismo que está intrínseco na nossa maneira de falar e, até mesmo, de aprender as cores. Nessa narrativa, a participante abordou questões relacionadas ao aprendizado de seus alunos sobre não existir apenas um lápis cor de pele ou apenas uma cor de pele.

Em “R de Kimberly” (Anexo 1.7), Violet trouxe a importância de tomarmos decisões políticas em sala de aula e mostrarmos aos nossos alunos a diversidade que nosso país possui linguisticamente, mostrando e explicando que não há apenas um “jeito certo” de falar, mas variações linguísticas.

A análise das narrativas se concentrará no conteúdo escrito pelas participantes, levando em consideração as três perguntas mencionadas anteriormente (BORTONI-RICARDO, 2009), para que possam ser respondidas de acordo com os significados das situações narradas e o contexto social que elas permeiam. A primeira questão a ser levada em

consideração é identificar o que está acontecendo no presente contexto cultural – e, no caso desta pesquisa, também verificar se há ou não influência de algum dos Movimentos Sociais da UNIPAMPA na formação docente de quatro formandas. A segunda questão é o que essas ações significam para as participantes da pesquisa. A terceira pergunta aborda que relações podem ser feitas entre as ações no contexto da investigação e as ações sociais mais abrangentes, isto é, que possuem características sociais mais amplas globalmente.

Serão trazidos excertos dos textos elaborados por Ana, Regina, Taís e Violet ao longo dessa seção, para melhor ilustrar as respostas dadas pelas participantes.

6.4 Roda de Conversa

Como mencionado, uma das maneiras que a pesquisa utilizou para coletar seus dados foi através da realização uma roda de conversa intitulada “Movimentos Sociais e sua influência na formação docente”(Anexo 2:Transcrição Roda de conversa). No evento, as participantes da pesquisa responderam perguntas norteadoras propostas pelo pesquisador. Para melhor compreensão do leitor, retomo essas perguntas, salientando as respostas das participantes.

Pergunta I. O que você entende por Movimento Social?

Pseudônimos	Excerto das Respostas
Ana	“eu acho que a minoria se junta para conseguir os seus direitos da minoria que é maioria na verdade, né?”.
Regina	Não respondeu.
Taís	“(…) pela experiência que eu tenho é o movimento que é, que visa... Que luta por alguma coisa em prol de melhorias quando uma classe, seja classe trabalhadora ou estudantil, se junta para lutar por alguma coisa que é seu por direito”.
Violet	“movimento social é um movimento coletivo com objetivos e metas em comum mas muitas vezes ele vai ter vertentes ou alguns enfoques diferentes se tu pega, por exemplo, as vertentes do feminismo”.

Tabela 2. Excerto das Respostas das Participantes.

A maioria das participantes respondeu o que, para elas, seria movimento social, mesmo que um pouco tímidas pela roda de conversa estar no início. Sendo assim, não falaram muito sobre o tema, utilizaram definições próprias e, às vezes, como no caso de Ana, fizeram

observações sobre os participantes desses movimentos – mencionando, por exemplo, que, quando falamos de minoria, nem sempre estamos de fato nos referindo a grupos de pessoas em menor número quantitativo.

Pergunta II. Quais Movimentos Sociais você percebe enquanto atuantes na Unipampa Campus Bagé? Você teve contato com algum deles ao longo do curso? Qual? Como?

Pseudônimo	Resposta
Ana	Feminismo e Estudantil
Regina	Feminismo e Estudantil
Taís	Feminismo, Negro e Estudantil
Violet	Feminismo e Estudantil

Tabela 3. Respostas das Participantes à pergunta 2

As participantes falaram um pouco de como entendem a atuação do movimento estudantil e feminista na universidade, ressaltando a observação de que há dificuldade de mobilização de alunas e alunos da universidade. Também foi citado a falta de tempo disponível na vida acadêmica para atuar nesses movimentos. Taís foi a única a falar do Movimento Negro da Unipampa, que vem crescendo ao longo do ano de 2017. Ela atua no grupo e tem sido representante discente em algumas reuniões e discussões.

As participantes falaram também de seu contato com o Movimento Negro, Feminista, LGBT e Estudantil durante o desenvolvimento de seus componentes curriculares no curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais. Esse tópico foi salientado na fala de Taís: “acho que começou quando a gente começou a falar sobre educação, sobre educação brasileira... A matéria que a gente tem, História da Educação... que já começou a partir daí... Já começa do currículo do curso de começar a conversar sobre as linguagens universais. A gente falou muito sobre a Era Vargas sobre o direito da mulher ao voto”.

O próprio curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais possui em seu Projeto Pedagógico do Curso (2012, p. 43) orientações que direcionam que a formação dos licenciados seja pautada nos seguintes pressupostos:

- I - o ensino visando à aprendizagem do aluno, reconhecendo a interdisciplinaridade como elemento essencial da construção do saber;
- II - o acolhimento e o trato da diversidade;

- III - o exercício de atividades de enriquecimento cultural;
- IV - o reconhecimento da relação simbiótica entre língua, cultura e literatura e o desenvolvimento da reflexão crítica voltada para essa relação intrínseca;
- V - o fomento ao pensamento filosófico intercultural, levando em consideração o contexto em que a universidade está inserida;
- VI - o aprimoramento em práticas investigativas;
- VII - a elaboração e a execução de projetos de desenvolvimento dos conteúdos curriculares;
- VIII - o uso de tecnologias da informação e da comunicação, perpassando as várias áreas do conhecimento;
- IX - o uso de metodologias, estratégias e materiais de apoio inovadores;
- X - o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe;
- XI - a abordagem de temas transversais como pressupostos formadores da cidadania;
- XII - a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão como base da formação acadêmica.

Partindo desses pressupostos, podemos observar que o próprio curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais fomenta a transversalidade nos temas abordados em sala de aula, olhando para a diversidade e o contexto a partir desses pressupostos.

Pergunta III. Você ainda mantém contato com esses Movimentos? De que maneira?

As participantes afirmaram que ainda mantém contato com os movimentos já citados. Taís mencionou manter relação com o Movimento Negro através do Movimento Estudantil, cujas pautas e debates são amplos e abrangem tópicos ligados até mesmo ao Movimento LGBT. Todas elas por fazerem parte do UniElas e mantém contato com o Movimento Feminista, atuando e promovendo eventos dentro da universidade.

Pergunta IV. Você acha que os Movimentos Sociais estão presentes em sua prática docente? Por quê (não)?

Todas as participantes perceberam a influência desses movimentos em suas salas de aula e reconheceram a importância em abordá-los através de suas práticas. Regina, por exemplo, disse: “Porque na escola a gente se depara com muito preconceito e as crianças... elas precisam saber também o quanto isso não tá certo...”. Violet ponderou: “Humaniza aquele espaço ali...”. E Taís também respondeu: “É uma coisa que já tem que estar enraizada na gente, a gente nem tem que entrar em sala de aula para trabalhar as temáticas transversais, a gente tem que saber trabalhar o que for que tiver que trabalhar abordando essas questões sociais que a gente vê que vai depender muito do contexto que a pessoa faz parte...”.

Nas questões a seguir, as participantes começam a refletir sobre a formação de sua identidade docente e como o contato com esses movimentos sociais influenciou seu fazer docente:

Pergunta V. Você percebe alguma influência desses movimentos na sua constituição identitária enquanto professora de línguas? De que forma?

As participantes salientam que o contato que tiveram com esses movimentos sociais mudou sua maneira de pensar e elas trouxeram essas reflexões para suas salas de aula, como ressalta Taís: “Eu acho que os movimentos também estão na nossa prática por influência, e eu acho que o porquê vem muito também do que a gente passa aqui dentro [na Universidade], das coisas que a gente teve contato e das coisas que a gente estudou, porque, quando fui formada pelo Magistério, as minhas aulas não eram voltadas para as temáticas transversais e nem levantavam reflexões”.

Podemos observar que o curso trouxe realmente algo significativo para Taís, isto é, o influenciou em sua prática docente de maneira a fazê-la refletir suas ações como educadora.

Pergunta VI. Acredita que há importância, ou não, em trabalhar com Movimentos Sociais em sua sala de aula? Por quê?

Todas as participantes acreditam que sim – que há importância em trabalhar com temas que envolvem esses movimentos sociais, e que há transformações em sala de aula que essas escolhas podem trazer, como afirma Ana: “É porque, quando a gente faz isso, a gente dá poder para os alunos e, quando a gente dá poder para eles, mesmo que inconscientemente, eles pegam esse aspecto que a gente dá. Porque, assim, na aula da professora tal, eu posso falar... ele começa... gente, porque que eu não posso falar na aula da professora tal? E isso começa a mexer com ele”.

Oportunizar o debate em sala de aula é dar voz aos nossos alunos, como Ana tratou ao longo de seu discurso. Para Freire (1997), a importância da educação reside na possibilidade de ser um meio libertador das amarras que a sociedade muitas vezes impõem – mesmo quando não se é percebido.

Pergunta VII. Você conseguiria dar algum exemplo de como trabalhar movimentos sociais em sala de aula?

Segundo Violet, “Quando a gente estudou pedagogia feminista, ela não está só em falar de temáticas transversais, mas no jeito com que tu faz a aula, no plano... se tu propicia que meninos e meninas falem em mesma quantidade igualmente se tu nota que aluna silencia...”. “Como tu organiza a sala”, completou Taís. “Sala... Tudo isso também é uma questão que não tá sempre ali escrito no quadro feminismo, tá mais no que tu faz”, concluiu Violet. “Tá nas atitudes” ponderou, finalmente, Taís.

As participantes, após a roda de conversa, tiveram a chance de escrever uma narrativa individualmente. Esses textos trouxeram relatos reais em que elas se colocam como personagens em seu texto, tendo a sala de aula como cenário e seus alunos também como personagens. Este pode ser observado na seguinte seção.

6.5 Narrativas

Trabalhar com narrativas para encontrar significados é um processo no qual não somente o individuo que está sendo pesquisado traz dados relevantes ao pesquisador, como afirma Mello (2012):

O processo de composição de significados pode provocar uma reflexão profunda e contínua, pela qual o pesquisado não só compreende e interpreta o material documentário de sua pesquisa, como também questiona e reflete sobre sua vida, seu papel como pesquisador e sua forma de ver o mundo. (p. 3).

As narrativas foram escolhidas como estratégia metodológica para essa investigação, pois busco uma reflexão mais profunda acerca de certos pontos específicos na formação de professores. Assim, acredito que reviver histórias e momentos é primordial para que tracemos novamente e reflitamos sobre o caminho das participantes da pesquisa. Clandinin & Connelly (2011) fazem a seguinte reflexão sobre o uso de narrativas em pesquisas:

As pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades. (p. 27).

Esta pesquisa, portanto, parte das histórias que estão nas narrativas escritas pelas participantes a fim de investigar a influência dos movimentos sociais na sua formação docente. Para tal, são trazidos excertos das narrativas desenvolvidas pelas participantes com objetivo de explicitar as questões de análise.

As narrativas as quais elas escreveram circundaram certos momentos de sua prática docente e tematizaram a respeito da importância de trabalhar a partir das questões aqui apresentadas. A seção trará excertos significativos das narrativas dessas participantes, acompanhados da discussão de cada um deles.

A narrativa de Ana traz o seguinte trecho:

Comecei meu último estágio da graduação recebendo a notícia de que daria aula para crianças de 9 a 11 anos. Depois das inscrições, o resultado: minha turma seria composta por cinco meninos...

(...) Eu trabalharia com contos, sendo assim, contos de fadas.

(...) Percebi que eu não precisava mudar nada da temática da aula, e sim, meus próprios pensamentos.

(...) Para minha surpresa, cada um criou pelo menos uma personagem feminina. Um deles até criou uma personagem inspirada em mim. Senti, de novo, que eu tenho que repensar minhas próprias crenças, quanto a questão da discussão de gênero em sala de aula.

A partir da leitura do trecho acima, observamos que Ana consegue perceber nela mesma a presença de pré-conceitos circulam na sociedade como um todo e, especialmente, no meio dos educadores. Ela trouxe para a sua sala de aula a temática de heroínas, mulheres fortes e, mesmo a presença de apenas meninos, não houve qualquer estranhamento – o que a surpreendeu. Quando não vemos e não discutimos o apagamento feminino presente em vários segmentos, abordar questões de gênero em nossa sala de aula torna-se extremamente importante perante um contexto de uma sociedade patriarcal.

A narrativa de Regina também trouxe questões de gênero e de representatividade feminina no espaço das aulas, elencando assim a reflexão sobre o assunto que é essencial nos primeiros anos escolares, como ela mostra:

Em uma escola bem pequena no interior do Rio Grande do Sul foi onde a professora Regina ensinou inglês para crianças...

(...) Até que a professora propôs uma atividade de apresentação, os alunos deveriam apresentar sua família, incluindo todos aqueles que moravam com eles.

(...) A turma disse em uma única voz: Tu esqueceu teu pai, Cadu!!! E o Cadu com toda a calma respondeu: Eu tenho só minha mãe.

(...) a professora interveio e explicou para eles que existiam diversos tipos de família, e colocou alguns exemplos na lousa de famílias com dois pais, famílias com duas mães, família com vovó e/ou vovô, família com pais adotivos.

Regina trouxe a reflexão sobre o apagamento do papel da mulher ao criar seu filho sozinha. A necessidade que as outras crianças demonstram do menino possuir um pai é reflexo de nossa sociedade. Mães solteiras são uma realidade em nosso país e o preconceito com essas mulheres também faz parte do nosso cotidiano, de forma indireta ou direta. A

participante percebeu, assim, a importância de tratar a temática da família sob o olhar da diversidade que existe em nosso cotidiano e a sinalizou a importância de explicitar essas diferenças aos alunos.

Nas narrativas de Ana e Regina, percebemos diferentes aspectos em relação à representação da mulher em um contexto e no outro. Em um dos casos, as crianças ainda têm uma percepção enraizada de família e de representações masculina e feminina; já no outro caso, eles encaram com naturalidade o conteúdo que, a princípio, na percepção da professora, poderia trazer problemas.

Ainda, Karnal (2017) nos traz:

É preciso que as pessoas entendam que a escola é um espaço de discussão. Que eu não devo vigiar ou censurar a escola, mas discutir tudo o que ela faz, a função do educador e o papel de ambos na formação de uma criança. (p. 138).

Ter essa compreensão de que a escola é lugar de opiniões e discussão se torna de extrema importância para que possuamos um ensino de qualidade e transformador.

A importância de trazer novas perspectivas para o espaço escolar é exposta aqui, conforme Oliveira (2011) nos diz:

Esse é o papel da educação, e com a qual as ciências sociais possuem uma grande preocupação: o de desnaturalizar as relações e construir novas formas de pensamento. Para tal é importante compreender quais as relações que se perpassam no momento, tal qual o que é apresentado na televisão, quais as formas dos alunos se relacionarem e do corpo pedagógico reagir a determinadas relações. (p. 02).

Buscar a discussão em sala de aula e não deixar naturalizarem-se preconceitos em nossas escolas são esforços importantíssimos para a formação de cidadãos conscientes com seus direitos e deveres.

Da narrativa de Taís, trago o seguinte excerto:

(...) Ao ingressar na Universidade sua vida ganhou novos rumos e ela aprendeu que tem outras importantes responsabilidades com as crianças, pois ela irá formar cidadãos (...).

(...) Esse lápis não se chama cor de pele, pois não existe apenas uma cor de pele. Olha a pele da tia!

(...) A professora, negra, pegou o lápis e encostou junto a sua pele, chamando a atenção dos alunos, os fazendo olhar para a sua cor de pele e os fazendo refletir sobre o nome daquela cor.

(...) Ao longo das aulas, a professora falou sobre identidade, os diferentes tipos de família e ensinou muito sobre a importância de respeitar ao próximo independente do seu tamanho, cor ou gênero.

(...) No segundo semestre (...) Uma aluna disse ao seu colega:

- Por favor, me passa o lápis cor de pele?

E no mesmo instante, quando a tia Taís pensou em abrir a boca e falar. Sua aluna a interrompeu e disse:

- Esse lápis não se chama cor de pele, por que existem muitas cores de pele.

Em sua narrativa, a participante trata a respeito de questões raciais e do empoderamento negro. É dito, em seu texto, que ela passou por uma escola na qual não se discutia racismo e isso a motivou a levar tais discussões para suas aulas. A participante começou sua narrativa afirmando que, ao ingressar na Universidade, percebeu que sua função como professora envolvia também a cidadania. Essa percepção vai ao encontro do que afirma Cavalleiro (2005):

Nosso sistema educacional brasileiro, da mesma forma que as demais instituições sociais, estão repletas de práticas racistas, discriminatórias e preconceituosas, o que é prejudicial para o desenvolvimento emocional e cognitivo de todas as crianças e adolescentes nesses estabelecimentos, em especial as consideradas diferentes – com destaque para os pertencentes à população negra (p. 68).

Como anteriormente visto no excerto de Taís, em uma aula que era destinada ao ensino das cores, ela se depara com uma dessas práticas que ainda permanecem presentes em atos simples – por exemplo, nomearmos um lápis “cor de pele” como se tivéssemos apenas uma cor de pele em toda nossa sociedade. A participante vê a necessidade de falar sobre o assunto e discutir isso com seus alunos, pois tem a consciência de que, como professora negra, deve também falar sobre racismo em sua sala de aula.

Taís observou ainda que sua ação em sala de aula pode ter consequências positivas, ao notar que uma aluna de sua aula compartilhou mais tarde com outra colega o que aprendeu na ocasião.

Já a participante Violet trouxe uma discussão sobre políticas linguísticas em sua narrativa. Em seu texto, podemos ver a importância de se tratar sobre variações linguísticas que se manifestam em uma língua de um mesmo país. Violet trouxe a discussão para sua sala de aula, dando exemplos e explicando sobre a diversidade que possuímos em nosso país, quando dois sotaques diferentes se encontram.

Violet e Regina iriam começar a dar aula para os anos iniciais do ensino fundamental.

(...) Era hora de se apresentar. As duas professoras disseram seus nomes.

(...)- Kimberly . – repetiu a professora Violet, nascida e criada no Rio Grande do Sul.

(...)- Kimberly. – repetiu a professora Regina nascida no estado de São Paulo, em Sumaré, com seu ”R” retroflexo, comum no interior.

(...) - Ah. – disse Kimberly, agora parecendo entender. Não era questão de “KimbeRly” certo ou errado, era questão de sotaque ou, como diríamos nós, adultos e de mais teorias, variação Linguística.

Tratar das diferenças linguísticas também deveria ser algo presente em nossas aulas. É importante atuar para que nossos alunos estejam conscientes sobre tais variações para impedir a criação de vários preconceitos que presenciamos hoje em dia, como aponta Bortoni-Ricardo (2005):

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. (p. 15).

Muitos preconceitos que vivenciamos hoje em dia como de gênero ou até mesmo linguísticos surgem e predominam pela falta de diálogo que há sobre tais assuntos – saber ver o outro e tentar entendê-lo deveria ser um exercício feito por todos nós. Para Karnal (2017) “Para quebrar a cadeia do ódio, a primeira tarefa é parar de ensiná-lo” (p. 139), nós devemos, sim, nos posicionarmos em sala de aula e fazer com que nossos alunos reflitam seus atos e discussões que, há muito tempo, estão enraizados em nossa sociedade. Discussões sobre essas temáticas com nossos jovens em sala de aula são de extrema importância para a melhoria de toda uma comunidade.

7. Considerações finais

Buscar novas perspectivas para as nossas aulas e fomentar transformações nos diversos contextos em que atuamos como professores não é uma tarefa fácil. Preparar nossos alunos para a cidadania, por vezes, parece uma missão quase que impossível; no entanto, como podemos observar, no decorrer dessa investigação, o uso das temáticas transversais auxiliou essas quatro professoras ao longo de seus primeiros contatos com a sala de aula.

Esse trabalho, como podemos observar, tem como objetivo específico fazer um levantamento sobre os movimentos sociais atuantes na UNIPAMPA Campus Bagé, e por meio das respostas das participantes de pesquisa, fica em evidência que esses estiveram presentes durante a roda de conversa que também proporcionou a reflexão acerca dessa temática. Participantes essas que trouxeram e nos mostraram a importância que esses movimentos têm em sua constituição como professoras de línguas.

Ainda, havia como objetivo específico investigar, através da análise de narrativas escritas pelas participantes da pesquisa, a percepção de suas práticas docentes sob a influência (ou não) desses movimentos sociais. As narrativas nos mostraram o quanto transformador é,

para a nossa sociedade, a discussão sobre esses movimentos sociais em sala de aula – e que não se deve apenas discuti-los entre quatro paredes.

O Curso de Licenciatura em Letras - Línguas Adicionais: Inglês e Espanhol e Suas Respectivas Literaturas da UNIPAMPA/ Bagé demonstrou que fez sua parte ao propor uma formação que educa futuros docentes para se tornarem conscientes em relação a essas temáticas. Da mesma forma, o envolvimento das participantes da pesquisa com os movimentos sociais que permeiam a instituição também contribuiu para esses efeitos.

Os professores do curso, assim como suas alunas, que foram às escolas e atuaram em seus estágios, fizeram sua parte também ao apresentar tais temas a suas turmas. Da mesma forma, a participação e o envolvimento com movimentos sociais enriqueceram suas trajetórias acadêmico-profissionais.

Os componentes curriculares e os conteúdos estudados se mostraram de extrema importância para essas alunas que estão saindo da Universidade com um olhar diferenciado para sua docência e alunos.

Como podemos observar, nossa sociedade tem papel importantíssimo em nossas escolas, porém, deve se ter essa conscientização de que escola é, sim, lugar de discussão e de *locus* de exposição de ideias e que os professores desenvolvem um papel importantíssimo no desenvolvimento de nossa sociedade.

Formar professores com a criticidade que as formandas, participantes desta pesquisa, mostraram ao longo da roda de conversa e na escrita de suas narrativas deveria ser uma realidade em todos os cursos de formação docente em nosso país; isso é, formar identidades como essas é uma das portas para haver mudanças significativas em nosso Brasil.

Uma conclusão a que se encaminha esse trabalho é de que esses conhecimentos devam correr o mundo, famílias e outras instituições sociais. Afinal, não são poucos os contextos os quais precisam de uma atuação no sentido de conscientizar para a cidadania (?) – e acredito que quem trilhará esse caminho são os nossos jovens que estão recebendo a contribuição de professores que querem fazer a diferença com o seu modo de atuar, como as participantes demonstram nesta investigação.

As alunas, Ana, Regina, Taís e Violet, futuras professoras de línguas adicionais, ao compartilharem suas experiências e ao atuarem criticamente no Curso de Letras, puderam trocar experiências como não o fariam em outros contextos. Assim, como já visto, cada contexto é único, porém, em sua singularidade, todos contextos podem e devem ser conhecidos, narrados e compartilhados. É, dessa forma, que, em outros lugares, povos e

culturas, pode haver uma série de trocas de experiências e que possibilitem conhecer e se reconhecer no outro. Essa é uma das aspirações desta investigação.

Referências bibliográficas

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. Série Estratégias de Ensino. São Paulo: Parábola, 2008. 135 p.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.
- BRASIL. *Ministério da Educação*. **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução). v. 3. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretoria de Educação Básica Presencial - DEB – PIBID Relatório de Gestão 2009-2011**. Disponível em: http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/DEB_Pibid_Relatorio-2009_2011.pdf. Acesso em: 10 Out. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação Universidade Federal do Pampa (Lei nº. 11.640, de 11 de janeiro de 2008) **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas**. Junho de 2012, p.43.
- CAVALLEIRO, Eliane. **Discriminação racial e pluralismo nas escolas públicas da cidade de São Paulo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução de Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.
- DAPUZZO, Ornella. **Mas minha mãe é meu pai..** Rio Grande: Editora da Furg, 2011 (Narrativa ficcional).
- ESLABÃO, Daiane. **Ensinando História para Compreender Cidadania**. Rio Grande: Editora da Furg, 2011 (Narrativa ficcional).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. **Medo e ousadia – o cotidiano do professor**. 4 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- GALLIAZI, Maria do Carmo; PAULITSCH, Vivian da Silva. **Álbum do PIBID-FURG**. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2011. 60p.
- GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. 31p.
- KARNAL, Leandro. **Todos contra todos: O Ódio Nosso de Cada Dia**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

MELLO, Dilma. **Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores**. Disponível em: <gpnep.blogspot.com/p/pesquisa-narrativa.html>. Acesso em 27 de setembro de 2017.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Identidades Fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

OLIVEIRA, Polyanna Cláudia. **A importância do ensino sobre questões de gênero na educação**, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/E4r6ig>>.

ROMERO, Tania Regina de Souza. **Autobiografias na (re)construção de identidades de professores de línguas: o olhar crítico-reflexivo**. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Campinas, SP: Pontes, 2010. 348p.

TELLES, João Antonio. (Org.) **Formação inicial e continuada de professores de línguas. Dimensões e ações na pesquisa e na prática**. Campinas: Pontes, 2009. 204p.

ANEXO 1 – NARRATIVAS

Anexo 1.1

Mas, minha mãe é o meu pai

Trimmm... – toca o sinal para o recreio. Entram todas as crianças na sala de aula e se organizam em círculos, conforme a “tia” Ana pede.

– Pessoal! Hoje daremos início a reflexões sobre os textos e gravuras que estão no livro de vocês. Podem abrir os livros na página vinte e quatro?

Todos pegam seus livros e abrem-no na página solicitada.

– Alguém arriscaria dizer qual é o tópico da aula de hoje? Olhem para as gravuras.

Os alunos ficam atentos às gravuras, até que, em determinado momento, Fernanda responde:

– É sobre, pai e mãe, tia.

– E sobre cachorros e gatos também, né, tia? – pergunta Flávio.

– Isso mesmo, pessoal. Falaremos sobre nossas famílias. Com quem moramos, se temos animais de estimação, irmãos...

Todos aparentam estar animados com o tema a ser discutido na sala naquela tarde de sol. Até que, ao longo da aula, a professora percebe que um dos alunos está falando um pouco mais alto do que o devido, tentando explicar para um dos colegas que, na realidade, seu pai é sua mãe.

Com calma e delicadeza, a professora se aproxima do aluno e diz:

– Carlos, explica melhor isso para os colegas. Vamos ver se eles compreendem.

Então, Carlos começa seu discurso, feliz e encorajado:

– Assim, olha: a minha mãe não tem um namorado. Ela tem uma namorada, que é minha mãe e meu pai. Na verdade, as duas são mãe e pai ao mesmo tempo. Elas são um casal. O meu pai, portanto, são as minhas mães.

A turma se entreolhou e em questão de segundos só se ouvia gargalhada dentro da sala treze.

– Rá rá rá, o pai do Carlos é mulher!

Assim ocorreu por um momento, até que a professora pediu que os alunos se sentassem e ouvissem o que ela tinha a dizer.

– Então, pessoal. Eu não vejo nenhuma graça nisso. Temos de começar a refletir que nossas famílias nem se formam de modo convencional. Existem pessoas que moram com seus avós. Existem pessoas que moram apenas com o pai ou apenas com a mãe. Existem pessoas que moram com os dois. E também existem pessoas que têm duas mães ou dois pais. Não podemos rir. Isso se chama preconceito e é feio. O preconceito torna a pessoa feia. Ninguém que ser visto como feio, não é mesmo?

Alguns refletem um pouco e começam a dar palpites:

– Tia, quer dizer que as mães do Carlos são *gays*? É isso?

– É isso mesmo, Pâmela. Carlos, assim como muitas outras crianças, é criado por *gays*. Embora isso não seja tão comum, cada vez mais as pessoas assumem suas singularidades. Tem muita gente querendo educar, dar carinho e amor por aí, e eu diria que Carlos é uma criança de sorte por ter encontrado duas mães tão lindas e atenciosas com ele.

– É verdade, tia. Tem muito moleque aí que vive apanhando, cheio de traumas. Pelo menos o Carlos tá é cheio de amor dentro de casa... – palpitou Jonas.

A aula tomou um rumo diferente, a discussão foi levada tão a sério que os alunos começaram a pesquisar mais sobre gênero e sociedade, de maneira que fosse mais fácil a compreensão de cada um. E, assim, ao longo dos tempos, construímos e reconstruímos as práticas sociais e a nossa leitura da realidade.

Autora: Ornella Dapuzzo
Ilustrador: Diogo Soares Dornelles



Anexo

1.2

ENSINANDO HISTÓRIA PARA COMPREENDER CIDADANIA

Era uma vez uma escola situada no meio rural de um determinado município. Nela, havia alunos que ansiavam por novidades nas suas aulas de história.

Foi então que um grupo de estudantes da universidade local resolveu criar uma atividade, por meio da qual eles pudessem mostrar o quanto são partícipes da história, aproveitando o presente.

Depois de muito planejamento, esses estudantes de licenciatura foram colocar em prática o que estava programado. Ao chegar com a proposta na escola, os alunos sentiram-se maravilhados. Foi-lhes dito que seriam realizadas eleições similares às que estavam acontecendo no país: para presidente, para governador, para senador e deputados, com o objetivo de idealizar melhorias para aquela localidade, onde os estudantes viviam. Inúmeras propostas foram sugeridas; entretanto, um dos estudantes levantou-se e disse:

- Professores, até podemos fazer essa atividade, mas creio que nada mudará porque nosso país e nossa cidade estão em descrédito. Não acredito mais em política!

Ao ouvir isso, os futuros professores – acadêmicos da FURG¹ – ficaram perplexos com tamanha negação de cidadania. Foi então necessário argumentar com esse estudante sobre o seu dever de cidadão:

– João, sabemos que a política no nosso país está um caos, mas, de que adianta cruzarmos os braços e ficarmos apenas reclamando do que vemos nos noticiários? Devemos exigir os nossos direitos. Vou te lembrar de um episódio da história de nosso país, quando derrubamos um presidente corrupto do poder: já ouviste falar no movimento dos "caras-pintadas"?

– Sim! – respondeu João.

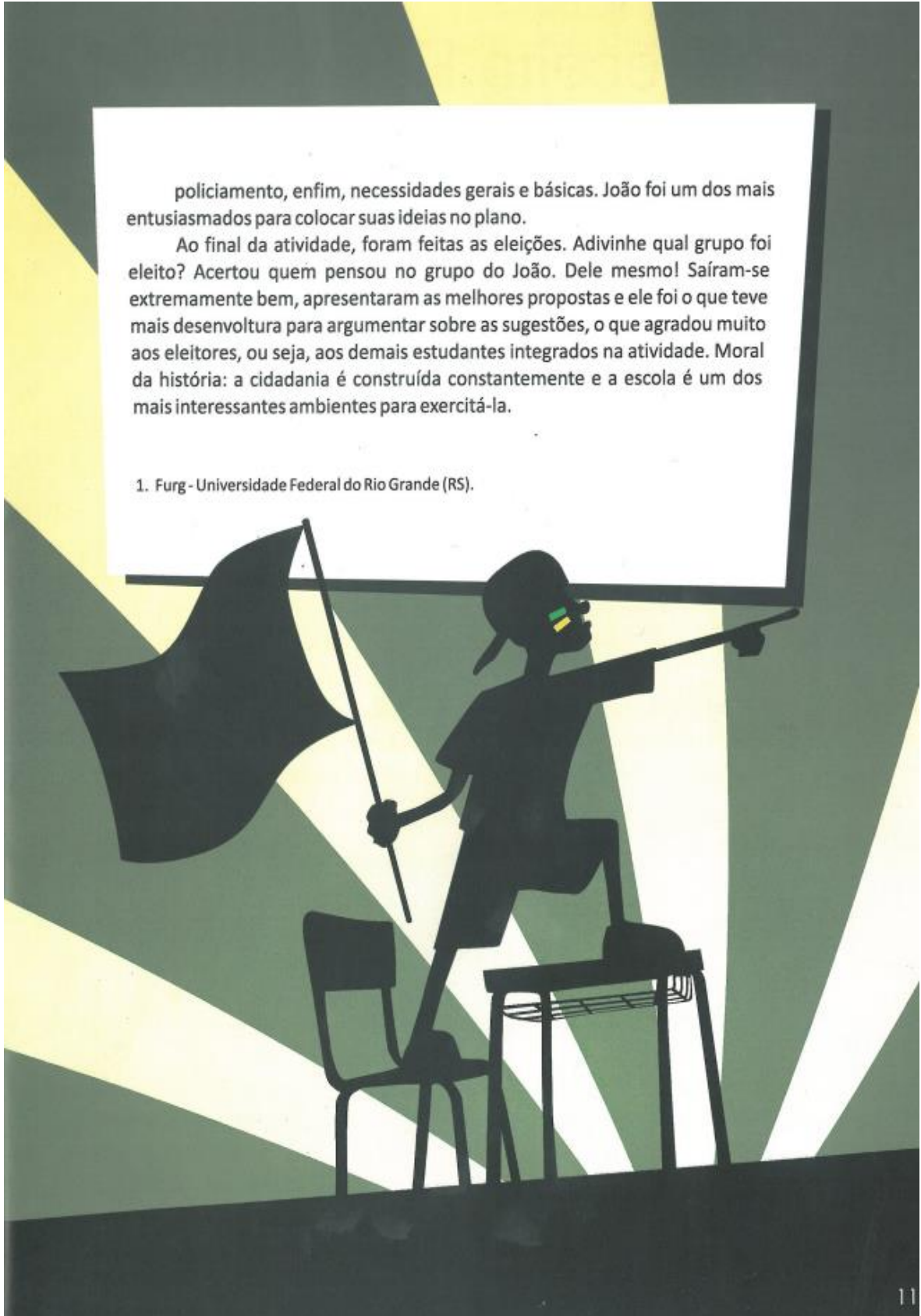
– Pois é, quando um povo luta pelos seus desafios, a realidade acaba se transformando. Então, não podemos desacreditar na nossa força, nos nossos deveres de cidadãos. Nossos direitos e deveres começam dentro da própria casa e se expandem aos espaços públicos, como a escola.

Todos os demais alunos concordaram. Várias propostas de melhoria para a localidade foram geradas, desde pavimentação, transporte,

policimento, enfim, necessidades gerais e básicas. João foi um dos mais entusiasmados para colocar suas ideias no plano.

Ao final da atividade, foram feitas as eleições. Adivinhe qual grupo foi eleito? Acertou quem pensou no grupo do João. Dele mesmo! Saíram-se extremamente bem, apresentaram as melhores propostas e ele foi o que teve mais desenvoltura para argumentar sobre as sugestões, o que agradou muito aos eleitores, ou seja, aos demais estudantes integrados na atividade. Moral da história: a cidadania é construída constantemente e a escola é um dos mais interessantes ambientes para exercitá-la.

1. Furg - Universidade Federal do Rio Grande (RS).



* * *

Anexo 1.3

Amornar ou ferver

Narrativa escrita por Guilherme Ramos.

Guilherme deixou sua cidade e sua família para que pudesse estudar. Em nosso país, muitos jovens possuem esse sonho – que não deveria ser um sonho, e sim uma realidade para todos os que almejassem. Ele era mais um desses, desejava cursar Letras Inglês e Espanhol, diferente de toda a sua família, que seguiu carreira militar. Não gostaria de optar por uma língua ou outra, porém o curso que ele desejava só havia em uma cidade distante da sua. E, assim, ele acabou deixando sua cidade natal para se mudar. Conheceu pessoas novas, novas histórias novas formas de pensar.

Em seu primeiro dia de aula, estava um pouco nervoso, sua primeira matéria... Disciplina... Não sabia ainda como caracterizar as aulas que teria. “Componentes Curriculares”, ele aprendeu logo como se dizia. Sua primeira aula era de Espanhol. Era uma manhã morna de maio, e, chegando lá, sentou em um banco para esperar a professora. Logo, outra aluna também chegou cautelosa, subindo as escadas; se olharam, mas nada disseram. A aula logo iniciou, e foram ocorrendo as apresentações como sempre se faz: uma menina já era guia de turismo, outro era cineasta, outra menina já era professora de inglês. Nossa! – pensou Guilherme.

Aos poucos, nas aulas, foram apresentados temas novos; foi a primeira vez que ele viu uma definição coerente da palavra “feminista”. Mesmo que sempre pensasse que os direitos deveriam ser iguais (e que de fato ainda não eram), já que cresceu em uma casa em que havia apenas mulheres, via o machismo muitas vezes apertar seus encaixes; e, nunca de modo algum, elas o deixaram pensar que seriam mais fracas ou seriam menos do que qualquer homem. Na universidade, utilizavam a língua para pensar criticamente sobre diversos temas que se atrelavam aos movimentos sociais, ao povo, à política.

Ele que nunca gostou de política, ou até mesmo debater. Mas percebeu que suas escolhas influenciavam o meio que estava politicamente. Muitas pessoas, quando pensam em política, pensam em partidos, e esquecem que suas escolhas são escolhas políticas – agora pensava ele. Seu empoderamento como LGBT o ajudava e ajudava a outros, e o movimento

estudantil estava sempre trazendo essas discussões. Aos poucos, essas discussões deixavam as salas de aulas e iam para os corredores, praças, ocupações, os movimentos se conversavam de uma maneira que foram criados coletivos feministas, grupos para o empoderamento de pessoas negras na universidade, eventos e discussões sobre direitos LGBTs, atos e discussões sobre os direitos estudantis em nosso país. Guilherme já era um professor, já se enxergava como tal, não pelo ato de dar aulas em algumas escolas, mas pelo fato de sentir-se preparado. E, assim, aos poucos, via essas reflexões, esses momentos que passou como aprendiz, adentrando suas oficinas, suas aulas e suas apresentações.

Buscava agora que seus alunos também tivessem a oportunidade de despertar como ele despertou em dias já não muito mornos na universidade, pois o diálogo, o movimento e a reflexão agora estavam fervorosos nele, em suas aulas e em sua universidade.

18/09/2017

Anexo 1.4

* * *

Super-heroínas também existem

Narrativa escrita por Ana.

Comecei o meu último estágio da graduação recebendo a notícia de que daria aula para crianças de 9 a 11 anos. Depois das inscrições, o resultado: minha turma seria composta por cinco meninos. Eu, que já tinha duas aulas planejadas, não esperava uma turma só de meninos. Eu trabalharia com contos – sendo assim, contos de fadas. O medo da temática não ser recebida bem por eles, me pegou.

O nervosismo do primeiro dia caiu por terra, quando vi os cinco super-empolgados com a aula que estávamos tendo. Percebi que eu não precisava mudar nada da temática da aula, e sim, meus próprios pensamentos. Conforme meu planejamento, nós trabalharíamos contos, como se constroem e depois criaríamos personagens e histórias para seus personagens.

Quando chegou o dia de criar o personagem, levei um exemplo da minha personagem favorita, a Viúva Negra. Eles, então, tiveram que criar três personagens cada. Para minha

surpresa, cada um criou pelo menos uma personagem feminina. Um deles até criou uma personagem inspirada em mim.

Senti, de novo, que eu tenho que repensar minhas próprias crenças, quanto a questão da discussão de gênero em sala de aula.

Anexo 1.5

* * *

Cadê seu pai?

Narrativa escrita por Regina.

Foi em uma escola bem pequena, no interior do Rio Grande do Sul, que a professora Regina ensinou inglês para crianças. Naquele dia ensolarado, com a turma cheia, que a professora planejou uma aula cheia de jogos e brincadeiras para ensinar os membros da família em língua inglesa. Primeiramente, a professora ensinou a falar os membros da família em inglês e, em seguida, apresentou sua família dizendo que tinha mamãe, papai, irmãos e um papagaio. Quando a professora falou que o papagaio fazia parte da família todas as crianças riram, mas logo já veio a primeira pergunta:

– Tia, como fala gato em inglês?

A professora, com muito carinho, lhe respondeu tranquilamente. Muitos alunos fizeram perguntas sobre como falava cachorro, gato, peixe, coelho e a professora ia sempre respondendo. Então, a professora propôs uma atividade de apresentação: os alunos deveriam apresentar sua família, incluindo todos aqueles que moravam com eles. Alguns alunos apresentaram e incluíram seus pets na sua história, até que um aluno disse que a família dele era a mãe, a irmã e os cachorrinhos. A turma disse em uma única voz:

– Tu esqueceu teu pai, Cadu!!!

E o Cadu com toda a calma respondeu:

– Eu tenho só minha mãe.

O espanto foi geral, e, então, a professora deixou eles conversarem para que se entendessem. Dessa forma, o Cadu explicou como era sua casa e aí surgiram outras crianças que só tinham o papai ou a mamãe, ou viviam com a vovó. Dado o tempo de eles conversarem sobre isso, a professora entrevistou e explicou para eles que existiam diversos tipos

de família, e colocou alguns exemplos na lousa: famílias com dois pais, famílias com duas mães, família com vovô e/ou vovô, família com pais adotivos. Feito isso, a professora convidou os alunos a escreverem na lousa os outros tipos de família que eles conheciam. Tudo correu tão bem, as crianças entenderam que era o amor que unia a família e que as famílias eram diferentes e não necessariamente seriam sempre formadas por mãe, pai e filho.

Anexo 1.6

* * *

Sentimos na pele e no coração

Narrativa escrita por Taís.

Taís formou-se no magistério em 2011, ela amava ensinar as cores, números, formas para as crianças, mas, ao ingressar na Universidade, sua vida ganhou novos rumos e ela aprendeu que tem outras importantes responsabilidades com as crianças, pois ela irá formar cidadãos, que irão conviver diariamente com a diversidade encontrada nesse mundo.

E foi assim começou o seu terceiro estágio na Universidade onde ensinou inglês para crianças... Um dia, Taís estava ensinando as cores em inglês. E uma aluna muito inteligente perguntou:

– Tia como se chama o lápis cor de pele em inglês?

Imediatamente a professora respondeu:

– Esse lápis não se chama cor de pele, pois não existe apenas uma cor de pele. Olha a pele da tia!

A professora, negra, pegou o lápis e encostou junto a sua pele, chamando a atenção dos alunos, os fazendo olhar para a sua cor de pele e os fazendo refletir sobre o nome daquela cor.

Aluna perguntou:

– Então como é o nome desse lápis?

E a professora respondeu:

– Esse lápis é salmão.

Ao longo das aulas, a professora falou sobre identidade, os diferentes tipos de família e ensinou muito sobre a importância de respeitar ao próximo independente do seu tamanho, cor ou gênero.

No semestre seguinte, a tia Taís começou o seu último estágio na universidade, no qual também ensinou crianças. Para sua surpresa, quatro alunos(as) dos quais já haviam participado do estágio de inglês voltaram, agora a tia Taís estava ensinando espanhol, através de um projeto chamado “El mundo de Luna”.

Tia Taís e seus alunos(as) assistiram ao episódio no qual Luna quer saber de onde vem as cores do arco íris. Assim começamos a trabalhar as cores em espanhol. Naquela manhã ao realizar uma atividade envolvendo as cores, uma aluna disse ao seu colega:

– Por favor me passa o lápis cor de pele?

E no mesmo instante, quando a tia Taís pensou em abrir a boca e falar. No entanto, uma menina que já havia sido sua aluna imediatamente a interrompeu e disse:

– Esse lápis não se chama cor de pele, por que existem muitas cores de pele. Olha só para a tia Taís essa não é a cor da pele dela. Esse lápis é o salmão.

A tia Taís, nesse momento, ficou emocionada ao ouvir e também orgulhosa por saber que o seu trabalho se reflete de forma tão positiva na vida dos alunos(as), que são a sua esperança por um mundo a cada dia melhor. A tia Taís fica imaginando todos os lugares que a Maria passa e desconstrói estereótipos e faz outras pessoas, crianças, amigos, vizinhos, colegas refletirem sobre o lápis cor de pele.

Quando criança, eu cresci ouvindo e também chamava aquele lápis salmão de cor de pele, mas e a minha pele?

Anexo 1.7

* * *

R de Kimberly

Narrativa escrita por Violet.

Violet e Regina iriam começar a dar aula para os anos iniciais do ensino fundamental. Era a segunda aula do dia, com a turma de segundo ano. Cerca de cinco alunos, a professora titular permanecia observando tudo, sentada a uma das carteiras da fila da parede, enquanto mexia em alguns papéis. Era hora de se apresentar. As duas professoras disseram seus nomes.

– Oi, eu sou a Regina.

– Oi eu sou a Violet.

E depois de falarem mais um pouco, pediram aos alunos que se apresentassem.

- Meu nome é Diuli.
- Meu nome é Laurem.
- Meu nome é Kaue.
- Meu nome é Kauane.

E então chegou a vez de Kimberly.

- Kimberly – repetiu a professora Violet, nascida e criada no Rio Grande do Sul.
- Kimberly – repetiu a professora Regina, nascida no estado de São Paulo, em Sumaré, com seu *R* retroflexo, comum no interior.

– Não, tia *KimbeRly* – a aluna Kimberly repetiu dando ênfase no *R*, o *R* do Rio Grande do Sul, bem puxado.

Kimberly achava que a tia Regina não conseguia falar seu nome como devia. E repetiu puxando o *R*.

- KimbeRly.

Regina repetiu, parecendo não entender porque Kimberly repetia seu nome.

– Kimberly – chamou Violet – acontece que a tia Regina é lá de São Paulo. Lá o *R* é assim. É diferente.

– Ah – disse Kimberly, agora parecendo entender. Não era questão de “KimbeRly” certo ou errado, era questão de sotaque ou, como diríamos nós, adultos e de mais teorias, variação linguística.

ANEXO 2 – TRANSCRIÇÃO DA RODA DE CONVERSA

[GUILHERME] Então, vamos começar? Então, hoje, dia 22 de setembro de 2017, eu estou aqui com a Ana, a Violet, a Taís e a Regina e a gente vai ter uma roda de conversa, na qual a temática é movimentos sociais e sua influência na formação docente. Então, a primeira pergunta é... O que vocês entendem por movimento social? Começa com a Taís.

[TAÍS] Ai meu Deus... O que eu entendo por movimento social? É... Pela experiência que eu tenho, o movimento é o que e, que visa... Que luta por alguma coisa em prol de melhorias quando uma classe, seja classe trabalhadora ou estudantil, se junta para lutar por alguma coisa que é seu por direito... e também por reivindicar outras coisas que... que vem a necessidade, *I don't know*, não.

[ANA] Movimento social... Não sei, quando eu acho que a minoria se junta para conseguir os seus direitos da minoria que é maioria na verdade né.

[VIOLET] Movimento social é um movimento coletivo com objetivos e metas em comum, mas muitas vezes ele vai ter vertentes ou alguns enfoques diferentes... se tu pegar, por exemplo, as vertentes do feminismo.

[GUILHERME] E quais movimentos sociais você percebe enquanto atuantes na Unipampa campus Bagé? E você teve algum contato com algum deles ao longo do curso? Vocês conseguem ver algum movimento social atuante aqui no Campus Bagé, discussão sobre algum movimento social.

[VIOLET] Atuar até atua né (*risos*).

[ANA] Acho que é outra questão que o movimento que... Que é nossa... Se a gente tá é movimento estudantil, que é bem forte... mas tirando é o movimento feminista que a gente meio que tá trabalhando nisso ainda.

[REGINA] É que a questão dos movimentos sociais da Unipampa... Eles não têm muita tanta visibilidade, porque as pessoas não têm tanto tempo para se dedicar. Já se foi à época que as pessoas podiam se dedicar para caramba aos movimentos sociais aqui na Unipampa, a gente sabe quem são as pessoas que estão nos movimentos sociais e que as pessoas têm um monte de coisas para fazer. Então, esse foi meio deixado de lado esse último ano.

[TAÍS] Falta organização infelizmente...

[VIOLET] Principalmente aqui na universidade que tem cabeças que, digamos assim... Pessoas que puxam querendo ou não, e, quando as pessoas vão saindo, ficando mais tempo no curso, tendo trabalho, tendo mais atribuições, a coisa meio que morre, porque falta um pouco, porque exatamente falta o sentido de coletivo, ou seja, liderança coletiva.

[TAÍS] E tem muita gente que quer se envolver, mas, em questão de tempo, não se envolve... Mas que a gente sempre pode contar com as pessoas quando são ondas... Quando tem necessidade de atuar da frente alguma coisa, como aconteceu quando. Quando aconteceu outra qualquer, outra manifestação que a gente queira fazer sobre manifestar sobre alguma coisa... Sempre, quando acontece alguma coisa na Unipampa, ou em Bagé, ou no Estado... Então, não tem aquela coisa de ter movimentos mais organizados que funcionassem reuniões e tudo mais, mas não funciona, não funciona bem e, respondendo, acho que na pergunta também sobre quais, eu acho que tem uma infinidade de agora. Pelo menos este ano, a gente

consegue ver o movimento feminista, movimento estudantil, agora tá aparecendo movimento negro e fora outros que a gente não está envolvido...

[ANA] Eu acho que não tem uma infinidade... Tipo, eu não sei quantos, tipo tem só esses três de movimentos de movimento social aqui na Unipampa assim. Quais são os outros?

[TAÍS] Guilherme sabe de mais algum?

[GUILHERME] Tem mais, movimento estudantil é um movimento que abrange varias temáticas, tem aqui, tipo, dentro do movimento estudantil abrange o feminismo teve várias rodas de conversa feminista durante a ocupação também agora tem o ato que é o LGBT que tem o movimento LGBT que faz parte do movimento estudantil por ser feito por pessoas, então vai ter toda essa diversidade tem o movimento negro que a gente tem agora e a criação dos NEABs que a Taís pode falar também esses são os quatro movimentos que realmente eu coloco no meu trabalho assim eu digo que eu posso discutir tem e a gente está falando só do período de 2014 a 2017. Então mas Vocês conseguem ver essas.

[TAÍS] Mas, quando teve movimento Roletaço, foi muito forte... Era um grupo super-organizado, estruturado... E a gente fez muita coisa no Roletaço. E era um grupo contra o aumento da passagem e pela... e foi um movimento super-forte. A gente tem muitos dados porque era um grupo bem organizado e temos bastante coisas deste período.... Nesse período de tempo, fizemos bastante coisa.

[GUILHERME] E, durante os componentes curriculares, vocês não trabalharam em nenhum momento nessa temática do feminismo, do movimento negro, estudantil ou LGBT?

[TAÍS] Sim, sim. Sempre, todo tempo, a maioria do tempo... Acho que começou quando a gente começou a falar sobre educação, sobre educação brasileira... a matéria que a gente tem... História da Educação, que já começou a partir daí já. Começa do currículo do curso, de começar sobre as sobre as linguagens universais. A gente falou muito sobre a Era Vargas, sobre o direito da mulher ao voto... Falamos e começamos a notar vários aspectos referentes às temáticas universais e ao movimento social... Que tudo isso envolveu a história do movimento social. Então, acho que sim.

[GUILHERME] E esses movimentos, vocês conseguiriam definir, “eu participei desse ou daquele”, “realmente participei”?... Vocês, que fazem parte do UniElas e também do Movimento Estudantil, estiveram no OCUPAMPA, se vocês tivessem que dizer que participaram desse ou daquele?... A Taís está participando também no Movimento Negro EnegreceUni.

[REGINA] Eu estou participando do UniElas, nada mais.

[ANA] Eu também estou participando do UniElas, mas tem aquele negócio, sabe... Se ninguém participa, então, a gente se sente meio que obrigado a não deixar o movimento morrer então a gente continua por isso...

[VIOLET] Ai, que triste isso...

[ANA] Sim...

[REGINA] Nossa, não me sinto assim.

[ANA] Eu me sinto.

[TAÍS] Eu também me sinto assim... Eu tô aí, tentando... Eu participo do UniElas, porque eu gosto do UniElas e porque eu gostaria muito que o UniElas desse certo. E eu também quero ajudar em funções.

[ANA] Não sei, eu quero muito que o UniElas dê certo... Mas eu não consigo ver o UniElas depois que a gente se formar.

[REGINA] Tá, mas isso não quer dizer que você torce para UniElas para que o UniElas deixe de existir, porque você acha que se você não participar ele não existe... Entendeu? Esse é um sentimento diferente.

[ANA] Não eu, sei só que tipo assim... Esse ano eu sei que o ano que vem não vai ter, porque a gente vai se formar.

[TAÍS] Sim, a gente tem que chamar pessoas

[ANA] É que a gente sempre puxa as pessoas, Taís e a gente sempre que faz os negócios...

[TAÍS] A gente tem que puxar pessoas de outros cursos, outras pessoas que estão entrando... É necessário fazer isso.

[GUILHERME] Então, essa meio que responde a numero 3 vocês mantem contato com os movimentos e já responderam que é o feminismo.

[TAÍS] Eu tenho contato com o movimento negro daquele jeito, o movimento estudantil também... Mas quando a gente puxa as coisa, eu e o Lucas... A gente meio tenta puxar para o movimento estudantil, eu e o Lucas somos o movimento estudantil... Eu e o Lucas.

[VIOLET] É você e o Lucas que estão puxando o movimento estudantil?

[TAÍS] É, a gente que tá puxando o movimento estudantil, que não tem muita coisa, mas a gente não pode deixar, como a Ana disse... E eu concordo nesse ponto, que não pode deixar morrer, porque a gente sabe como que funcionam as coisas, como as pessoas são ocupadas... Enfim, eu participo de vários movimentos, mas é bem superficial, assim... O que eu mais participo é o do UniElas, mas eu participo também do EnegreceUni, só eu não consigo ir a todas as reuniões, porque eu trabalho no sábado e as reuniões são aos sábados... Mas todas as ações eu participo. A ação que teve do imigrante agora... Ele sofreu racismo no ano passado lá no calçadão de uma professora, então, a gente fez um ato lá... Eu acho que eu gosto mais da ação do movimento do que da pesquisa, então, eu tento participar das ações. Agora, dia 25, vai ter outra ação aqui na Unipampa, porque o professor Gustavo... Ele sofreu racismo e a gente vai fazer uma ação aqui na Unipampa falando sobre isso também... Eu acho que é o EnegreceUni... O movimento estudantil tá bem parado e o UniElas... E participei do Roletaço muito tempo.

[VIOLET] É que o muito difícil é sustentar um movimento quando as pessoas tem que estar interessadas... A pessoa tem que fazer parte e a pessoa tem que saber o que está acontecendo; é muito mais do que eu vou lá participar da atividade, porque tem que estar por dentro das coisas.

[ANA] E tu tem que, muitas vezes, se dar bem com o grupo, se encaixar com as propostas do grupo...

[TAÍS] Eu acho que eu consigo no EnegreceUni Por que a gente tá sempre em contato pelo *whats*... Eles falam muito pelo *whats* e está sendo muito bem organizado no *driver*... Eles tem pautas, tudo... Se eu não fui eu fico sabendo tudo pelas pautas. (...) E tem a questão também que movimentos, como esse, tem muito embasamento teórico por trás. Se tu não tem conhecimento teórico, tu não consegue colocar o movimento para frente, porque tu mesmo fica se contradizendo.

(...)

[VIOLET] E também vai ter muito ataque... Sempre que você se envolve com movimento social ou com um grupo que tem movimento social por trás, tu sabe que tu vai ter ataque....

[REGINA] Sim.

[VIOLET] De alguma parte, seja virtualmente... Ou como eu... Já entro no saguão e as pessoas fazendo piadinha.

[REGINA] É porque as pessoas...

[VIOLET] Ou você, quando você passa sozinha, ou e as pessoas gritam alguma coisa é o tipo de coisa que a gente sabe que acontece.

[REGINA] Concluindo, eu acho que, principalmente nessa parte de você não estudar, você não consegue colocar o movimento para fora, porque você acaba perdendo seu foco... Acaba se misturando com outras coisas, com outras sabe, sabe... Seu foco, você sabe do que está pesquisando, tu consegue e muito mais à frente e essa... Essa parte de pesquisar, a parte de saber o que está acontecendo no mundo é muito mais difícil do que ir lá e fazer.

[ANA] O comprometimento é maior né.

[REGINA] É o que a gente consegue, a gente consegue sentar uma hora e sei lá organizar alguma coisa legal para fazer... Só que daí a gente a gente não consegue uma hora sentar e fazer e falar... Falar sobre o que aconteceu há uma década e isso vai contribuir para a gente, mas a gente não consegue. É muito difícil, não é uma hora que a gente leva para fazer esse tipo de estudo.

[TAÍS] É, tem que ter dedicação.

[GUILHERME] E, agora, em relação até as temáticas transversais que vocês falaram e abordaram muito bem... É... Vocês acham que os movimentos sociais ou essas temáticas estão presentes na sua prática docente, sim ou não?

[REGINA] Sim.

[GUILHERME] E por quê? Por que você acha importante trabalhar isso?

[REGINA] Porque na escola a gente se depara com muito preconceito e as crianças... Elas precisam saber também o quanto isso não tá certo, porque elas também não tem essa consciência do que está certo, que está errado... Porque eles cresceram na sociedade que isso está enraizado, então, a gente trabalha com temáticas transversais em sala de aula a gente procura...

[VIOLET] Humaniza aquele o espaço ali...

[REGINA] É, tu promove debate, tu promove conscientização, tu promove uma nova visão de certo e errado... E porque esse certo e errado é relativo, porque, para eles, é certo porque eles cresceram com aquilo e eles acreditam que é certo, porque ninguém foi lá e debateu... Fez ele se colocar na pele de outra pessoa ou se colocar na pele dele mesmo, porque ele também tá machucando ele mesmo...

[VIOLET] É muito comum alunos negros se referirem com termos pejorativos a outros alunos negros referentes a raça, por exemplo. E a pessoa não se coloca

(...)

[REGINA] Meninas também.

[VIOLET] Sim.

[REGINA] Se referindo, “ah, aquela vadia”...

[VIOLET] Eles não se colocam nem na pele do outro e nem na própria pele...

[ANA] É... os meninos se referindo... Diminuindo os meninos, colocando apelidos de meninas, como se fosse...

[REGINA] Isso, como se fosse xingamento.

[ANA] Eu procuro trabalhar muito isso em sala de aula, sim. Principalmente, agora que eu tenho cinco alunos meninos.

[GUILHERME] Sim, aí a gente tem que pensar um pouco na metodologia, no material didático... Vocês têm esse olhar para o material também?

[ANA] Eu procuro fazer meu material didático

[REGINA] Eu também, por causa disso... Se tu pesquis,a é porque sempre né... Principalmente, a gente que ensina a língua e a gente coloca uma imagem para relacionar...

[GUILHERME] Com as profissões...

[REGINA] Com tudo, com família...

[VIOLET] E é bem interessante que quando eu e a Taís começamos a pesquisar para fazer o material do nosso estágio com a professora Luciane... Algo que tu percebe é que tu vai ter que colocar *black people* se você quiser colocar uma pessoa negra fazendo, sei lá, trabalhando vai ter que colocar *Asian people*, *asian person*, tu quiser uma pessoa asiática, tu vai ter que colocar... (...) Uma pessoa que tem uma deficiência... Por aí vai, porque se tu for procurar simplesmente uma pessoa trabalhando vai ser uma pessoa branca loira... e sei lá feliz.

[TAÍS] E eu acho que os movimentos também estão na nossa prática por influência... E eu acho que pergunta o porquê muito também do que a gente passa aqui dentro, das coisas que a gente teve contato e das coisas que a gente estudou... Porque eu, quando fui formada pelo magistério, as minhas aulas não eram voltadas para as temáticas transversais e nem levantava reflexões sobre essas temáticas... As minhas aulas sempre foram assim... ao meio ambiente, aquela coisa que é do currículo e que a gente acha que é muito mais importante.

[REGINA] Sabe, o que eu vou dizer para você... Que eu acho que talvez não seja a universidade que trouxe, porque, para mim, não foi, entendeu? Para mim, foi em casa com a minha mãe, com os meus pais, então, aí depende da pessoa, de família, tem bastante isso...

[TAÍS] Regina, tu tem uma base bem grande...

[REGINA] Porque eu acho que minha mãe participa do movimento feminista. Então, acho que eu já entrei com uma noção assim... A minha família tem muito negro, muitos que participam do movimento negro da universidade... Então, eu acho que eu já vim com essa bagagem...

[TAÍS] É, eu não...

[REGINA] Pois é, mas...

[TAÍS] É aí que tá. Eu construí essa bagagem na universidade.

[ANA] Só que eu acho que eu acho que isso aí é muito importante, pois os alunos que já vem com essa bagagem, eles podem compartilhar né? E ajudar outras pessoas que chegam aqui sem saber nada.

[GUILHERME] E e em relação a tua identidade como professor, ao longo de 2014 2015 2016 2017 a Taís 2013, você percebe alguma influência desses movimentos na sua constituição identitária enquanto professora de língua?

[TAÍS] Com certeza.

[GUILHERME] É o que a gente meio que tava falando... Tu pensar, trazer para tua aula.

[ANA] Eu acho que a minha construção da identidade está mais focada na influência da língua nesses movimentos, porque eu acho que se não fosse, tipo, por exemplo, se eu não estivesse aprendendo as línguas, eu não estaria aqui e não estaria aprendendo, tipo, o que eu aprendi...

[GUILHERME] histórias desses movimentos.

[ANA] É.

[GUILHERME] Escritoras.

[ANA] É gente sabe... A gente tem noção de que a gente é de um curso de Letras e a gente sabe que... A gente discute isso, mas a gente tem noção que isso não é discutido em outros cursos.

[REGINA] De Letras também.

[ANA] Também, então, tipo assim... Muito por causa da minha identidade linguística, da minha bagagem, que eu cheguei aqui... Eu consegui mudar minha identidade para os movimentos sociais... Tipo, não mudar, mas moldar em cima dos movimentos sociais, entendeu? É mais uma questão linguística, para mim.

[TAÍS] Acho que o que influenciou na formação da minha identidade foi o fato da gente também ser instruída a trabalhar com essas temáticas e também perceber a importância... E também mudar muitas das crianças que a gente trabalha... Sobre ensino de línguas também, não só sobre as temáticas transversais ou movimentos sociais...

[VIOLET] Tá, só em falar em temáticas transversais, quando a gente estudou pedagogia feminista... Ela não está só em falar de temáticas transversais, mas no jeito com que tu faz a aula, o plano... Se tu propicia que meninos e meninas falem em mesma quantidade igualmente. Se tu nota que a aluna é silenciada...

[TAÍS] Como tu organiza a sala...

[VIOLET] Sala... Tudo isso também é uma questão que não tá sempre ali escrito no quadro feminismo, tá mais no que tu faz...

[TAÍS] Tá nas tuas atitudes...

[VIOLET] É porque... É tua identidade pessoal é transformada a partir desse momento querendo ou não... Das tuas ações... Mesmo que tu se afaste desse movimento, isso não muda, não volta a ser a mesma coisa...

[TAÍS] É porque, quando a gente faz isso, a gente dá poder para os alunos e, quando a gente dá poder para eles, mesmo que inconscientemente, eles pegam... Esse aspecto que a gente dá porque, assim... “Na aula da professora tal eu posso falar”, ele começa, “gente, por que eu não posso falar na aula da professora tal?”, e isso começa mexer com ele...

[REGINA] É! Tem também a nossa visão de professor quando a gente chegou aqui, já que a gente vai sair... Porque a gente tinha visão dos nossos professores que eu tive no ensino fundamental... Não os processos... Jamais iriam falar sobre as temáticas transversais... Uma que é totalmente contra a sociedade, assim, a nossa... Vai falar sobre feminismo, “ela tem doze anos de idade, ela vai achar que ela vai sair por aí fazendo o que ela quiser, o que ela bem entender”... Quando na verdade, tu dando liberdade para uma criança de doze anos (...) Não consegue falar sobre (...) uma criança de doze anos tem total liberdade de falar sobre

isso... Tu entra na escola e vou ter que ser igual uma professora... Claro que não! Agora a gente tem noção do que a gente consegue falar sobre isso e até com criança desde o desde o “prézinho” a gente consegue ensinar, usar pedagogia...

[TAÍS] Desconstruir...

[VIOLET] Ela está em toda relação de aluno e professor...

[TAÍS] Aqui tem exemplo pra dar sobre o meu estágio!

[ANA] Não é que a gente tem que ter... A gente é exemplo para os alunos. Então, as nossas atitudes em sala de aula são copiadas muitas vezes por eles, assim, tipo... Assim, as nossas atitudes, a gente também pode ter atitudes feministas, porque os alunos eles espelham muito na gente, tipo põe tudo que a gente faz.

[TAÍS] Eu ia falar do exemplo que eu tive do meu estágio do Núcleo do semestre passado, que a menina falava lá “que cor é o lápis cor de pele?”, e aí eu falei... Eu levantei esse debate, essa questão... E falei... E fiz eles prestarem atenção. Falei se aquela era a mesma cor de pele da Tia Taís, e aí a gente falou do nome da cor, que é salmão... E aí, nesse outro semestre agora, que eu tô dando aula de espanhol... Um outro aluno... Eu tenho essa mesma aluna que estava presente no estágio... E o aluno falou “o lápis cor de pele” e ela que desconstruiu isso, falando “esse lápis não é o cor de pele, olha a cor de pele da Tia Taís”... Ela desconstruiu, a gente sabe que pode ser um mínimo detalhe que tu tá fazendo na tua aula... Que eles estão ali prestando atenção, então, tu consegue mesmo que a tua aula não esteja voltada para as temáticas transversais. Por isso, que a gente está falando de atitudes e ações dentro de sala de aula... Porque eles aprendem muito rápido eles refletem sobre isso...

[REGINA] É importante para caramba, né? Dez minutos depois, ela reproduziu exatamente o que você ensinou e a gente sabe que vai reproduzir sempre...

[TAÍS] E não é aquela coisa de impor, é uma coisa para refletir mesmo... Eu não disse para ela, “não isso aqui tu não vai chamar assim”... Tu faz a criança pensar, tu faz o aluno pensar naquilo... Não impõe não isso ou aquilo é errado... Então, é a reflexão mesmo... Então, é bem importante essas questões serem levantadas na sala de aula.

[GUILHERME] a gente meio que respondeu à questão 5 a questão 6 e 7 mas eu vou ler elas para ver se vocês querem falar mais alguma coisa. Acredita que ha importância ou não em trabalhar com movimentos sociais? temáticas transversais como agente abordou aqui em sua sala de aula? Porque? E a 7 você conseguiria dar algum exemplo de como trabalhar os movimentos sociais em sala de aula? a Taís ja deu um bom exemplo de como trabalhar.

[TAÍS] Eu e a Violet, a gente fez um projetão, assim, só envolvendo temáticas transversais... Eu trabalhando no meu TCC (...) E aí, a gente falava sobre tudo, sobre gênero, sobre raça...

[GUILHERME] Vocês acham que é importante trabalhar essa temática?

[TAÍS] Importantíssimo.

[GUILHERME] Por quê?

[REGINA] Na verdade, dá para falar sobre tudo, né? Não tem...

[TAÍS] É uma coisa que já tem que estar enraizada na gente... A gente nem tem que entrar em sala de aula para trabalhar as temáticas transversais, a gente tem que saber trabalhar o que for que tiver que trabalhar, abordando essas questões sociais...A gente vê que vai depender muito do contexto que a pessoa faz parte... Então, tu tá aqui em Bagé, tu vai falar tu vai depender do contexto que tu tá ensinando...

[REGINA] É que não falta vídeo na internet também, né? Se você vai tá com preguiça de ler, então, vai pegar um vídeo e dar para os seus alunos, que é mais fácil, é menos complicado, mais simplificado...

[ANA] Eu acho muito interessante... E eu tô trabalhando contos com meus alunos e, querendo ou não, contos são contos de fadas... E são cinco meninos e daí eu pensei “*putz*, qual vai ser a reação deles?”... Só que, tipo assim... Foi coisa minha, porque tipo... Eles são crianças, sabe? Eu cheguei com um conto e adoraram... Eu cheguei, tipo... com dois contos da Cinderela das (cenicienta) e eles adoraram... Então, tipo... muita coisa da gente, sabe... Eu acho que os alunos eles sei lá... Eles são crianças, é muita coisa que a gente também tem que desconstruir na gente, sabe, para chegar na sala de aula e falar “pronto, agora eu vou trabalhar com isso, só que muita coisa a gente tem que mexer na gente mesmo”.

[VIOLET] E muitas coisas que a gente acha que são muito uma novidade, para eles não é... Tipo, essa questão de roupa de menina, roupa de menino...

[TAÍS] É outra geração, né?

[VIOLET] “Roupa curta para gurira”... Que “mulher tem que casar”... Eles meio que chegam meio desconstruídos, nessa questão...

[TAÍS] Não, mas é uma baita passo...

[VIOLET] Coisa a gente tem que entender aqui é que conforme a gente, querendo ou não... A gente é da outra geração já tá nos 20, já vem de antes...

[ANA] Eu também vi que... Eu estava trabalhando super-heróis agora... Aí eu falei, assim... “cada um tem criar três super-heróis”... Daí, eu pensei “cinco meninos, né? Vão trabalhar com super-heróis homens”... Aí, eu levei a minha super-heroína favorita para eles... Aí quando eu fui pegar o coisa para ver, eu vi que eles tinham feito pelo menos uma personagem feminina e eu fiquei tipo muito feliz porque eu vi que eu consegui...

[TAÍS] São cinco meninos na turma, a turma inteira são cinco meninos... (*risada*).

[ANA] Eu fiquei muito feliz, foi uma realização assim... Ver que eu consegui mexer assim com eles...

[TAÍS] Porque a gente fala muito disso, mas no fim a gente ver que as coisas estão sendo desconstruídas... A Mulher Maravilha agora... Mas não só Mulher Maravilha, os outros super-heróis... Mas era algo que não se falava no nosso tempo quando criança... Mas que no tempo deles, já é uma coisa que vem sendo falado vem sendo mostrada. Olha o “Show da Luna”, eu tô trabalhando... É uma cientista super inteligente... A Macha e o Urso... A Lady Bug...

[REGINA] A TV Cultura tinha muito desenhos desconstruídos que não sei...

[ANA] *Cyber Chase* era um exemplo que tinha duas meninas muito boas em matemática...

[TAÍS] Kim Possible... A gente está desconstruindo também no discurso de desconstruir... E também é super válido, porque às vezes a criança faz um desenho... Tá lá e não tem essa reflexão e os pais são... Fazem umas coisas tipo, “não minha filha não vai tá”... (...) Mas ela não faz reflexão, entendeu? Acho que tem que ter... Tem que dar essa oportunidade da criança refletir sobre aquilo, só ver aquilo talvez não, não sei...

[GUILHERME] vocês acham que é esse o fim da nossa roda sobre movimentos sociais e a formação docente?

[TAÍS] Eu acho que é isso...

Apêndices:**Apêndice 1:****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Convidamos a Sra. para participar de uma pesquisa, orientada pela Profa. Dra. Luciani Salcedo de Oliveira, no Curso de Licenciatura em Letras – Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da UNIPAMPA_Campus Bagé. A referida pesquisa está sob a responsabilidade do acadêmico pesquisador (Guilherme Ramos, CPF 04135112005), e intitula-se. CONSTITUIÇÃO DOCENTE DE FUTURAS PROFESSORAS DE LÍNGUAS ADICIONAIS NO CONTEXTO DA UNIPAMPA CAMPUS BAGÉ: MOVIMENTOS SOCIAIS E SUA INFLUÊNCIA Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista e escrita de uma narrativa na qual você fará reflexões sobre sua identidade como docente – com gravação de som ou de som e imagem – que será posteriormente transcrita. Para que seu nome seja mantido no mais rigoroso sigilo, solicita-se a gentileza de que haja a indicação de um pseudônimo. Caso haja concordância na gravação de sua imagem, fica liberado o uso de som, assim como da respectiva imagem. A Sra. tem também a opção de participar da entrevista e autorizar apenas a gravação de sua voz, com posterior possibilidade de divulgação da mesma. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a investigação de um Trabalho de Conclusão de Curso que possui como objetivo geral investigar se a atuação, o estudo e a empatia em/por alguns dos Movimentos Sociais presentes no Campus Bagé da Universidade Federal do Pampa, localizada no Rio Grande do Sul, têm influência na constituição da identidade docente de formandos do Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais Inglês e Espanhol e suas Respectivas Literaturas. Se depois de consentir em sua participação, a Sra. desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. A Sra. não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, a Sra. poderá entrar em contato com a professora responsável, através do e-mail lucianioliveira@unipampa.edu.br ou lucianisalcedo@hotmail.com, ou diretamente na sala 2108 (Unipampa/Campus Bagé).

Consentimento *Pós-Informação* Eu, _____
 _____, fui informada sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar da entrevista, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando cada um de nós com uma via.

Data: ___/___/2017.

Assinatura da Participante da Pesquisa:

Assinatura do Pesquisador Responsável:
